

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Maria Julia de Moura Silva

**Toda tradição é válida? Um podcast sobre as tradições, memórias e marcas deixadas
pelas repúblicas estudantis particulares de Mariana em seus ex-moradores**

Mariana
2026

Maria Julia de Moura Silva

Toda tradição é válida? Um podcast sobre as tradições, memórias e marcas deixadas pelas repúblicas estudantis particulares de Mariana em seus ex-moradores

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como recurso parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dra. Hila Rodrigues

Mariana
2026

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586t Silva, Maria Julia de Moura Silva.

Toda tradição é válida? [manuscrito]: um podcast sobre as tradições, memórias e marcas deixadas pelas repúblicas estudantis particulares de Mariana em seus ex-moradores. / Maria Julia de Moura Silva Silva. - 2026. 54 f.

Orientadora: Profa. Dra. Hila Bernardete Silva Rodrigues Rodrigues.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Estudantes - Habitações. 2. Tradição (Filosofia). 3. Podcasts. 4. Memória. 5. Exclusão social. I. Rodrigues, Hila Bernardete Silva Rodrigues. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 378.091.8

Bibliotecário(a) Responsável: Eliane Apolinário Vieira Avelar - CRB6/3044



FOLHA DE APROVAÇÃO

Maria Julia de Moura Silva

Toda tradição é válida? Um podcast sobre as tradições, memórias e marcas deixadas pelas repúblicas estudantis particulares de Mariana em seus ex-moradores

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel

Aprovada em 03 de fevereiro de 2026

Membros da banca

Prof.(a) Dr(a). Hila Bernardete Silva Rodrigues - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof.(a) Dr(a). Carlos Fernando Jáuregui Pinto (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof.(a). Dr(a). Mariana Barbosa Gonçalves (Universidade Federal de Ouro Preto)

Hila Bernardete Silva Rodrigues, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 27/05/2026



Documento assinado eletronicamente por **Hila Bernardete Silva Rodrigues, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 27/05/2026, às 19:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1115700** e o código CRC **8A33B73B**.

Dedico este trabalho àqueles que tiveram suas trajetórias atravessadas pela violência naturalizada em nome da tradição e a quem precisou ir embora, para continuar inteiro. Que a memória do que foi vivido não seja silêncio, nem apenas dor, mas uma possibilidade de recomeço e transformação.

AGRADECIMENTOS

Escrevo estes agradecimentos com lágrimas nos olhos. A música alta preenchendo o fone, uma taça de vinho ao lado e um coração que, pela primeira vez em muito tempo, respira aliviado. Chegar até aqui é a maior vitória da minha vida até agora, uma conquista que entra, com orgulho, na prateleira das histórias que moldaram quem eu sou. A menina que gostava de ler, desenhar, que foi transformada pelo Quebrando Tabu e que às vezes se achava estranha demais entre as amigas, ela está aqui, sorrindo para a mulher que nos tornamos.

E não há outra maneira de começar senão por eles: Jonas e Elinauria, meus amores mais antigos, minha raiz e meu porto seguro. Ao meu pai, mesmo quando não nos entendíamos, eu sempre o amei. Sou grata por cada canção da MPB que embalou minhas noites de sono, por cada filme cult que eu não entendi, mas assisti porque ele estava ao meu lado, por cada leitura, cada conselho, cada gesto. Hoje, a minha gratidão é ainda maior por ainda lembrar de mim, pelo Alzheimer não ter levado o que temos de mais precioso: a nossa conexão. Como minha mãe sempre disse: “você é igual ao seu pai!”, e que sorte a minha. Parecer com esse grande homem é uma das maiores honras da minha vida.

A minha mãe, você é a mulher mais forte que já conheci. Espero, um dia, ser ao menos metade do que você é. Em você encontro lar, abrigo, refúgio. Minha melhor amiga, que nunca mediu esforços para me dar as melhores oportunidades. Obrigada por tudo. Por ser tudo. Por ser você.

Ao meu amor, Douglas, você é o motivo de eu não ter desistido, largado tudo e voltado para o Espírito Santo. Você foi e sempre será suporte e colo. Obrigada por cada momento que, em silêncio, me ouviu chorar e no fundo sabia que eu só precisava de acolhimento. Nossa família é tudo para mim, a você e ao Rogério nunca medirei esforços para ser a minha melhor versão. Prometo bagunçar sua retrospectiva do Spotify com Taylor Swift por muito tempo ainda. Te amo e te admiro, que sejamos eternos enquanto dure.

Aos amigos que a universidade me deu, Antônia, João, Larissa e Luísa, obrigada por serem minha família longe de casa, por me apoiarem, me acolherem e principalmente por serem o meu depois. Não teria tido a coragem de enfrentar a vida universitária pós república se não fossem vocês. A Natália e Victória, a vida republicana nos uniu e serei eternamente grata pelo fim dela ter nos tornado ainda mais próximas, obrigada por me enxergarem além das tradições.

À Universidade Federal de Ouro Preto, minha eterna gratidão pela educação pública, gratuita e de qualidade. Sem querer apagar quem teve privilégios, mas para mim, e para tantos, essa é uma oportunidade única de transformar a própria vida.

Agradeço também à República Travessa porque, mesmo que nossa história tenha terminado de forma dolorosa, foi por causa dela que este trabalho existe. Ali eu aprendi que mesmo quando dói, não devo me encolher para caber em uma caixa, em um rótulo ou em um apelido. Saí de lá mais forte, mais consciente, mais eu. Obrigada por me ensinarem que eu mereço mais.

E por fim, como uma boa leonina, obrigada a mim. Por não desistir. Por ressignificar. Por reinventar. Por continuar. Este não é o fim, é só o início da trajetória incrível que me espera.

RESUMO

Este trabalho parte da minha vivência como moradora de uma república estudantil particular para investigar criticamente o funcionamento e as tradições que compõem o sistema republicano de Mariana. As repúblicas, tradicionalmente compreendidas como espaços de moradia compartilhada entre estudantes, assumem aqui uma dimensão muito mais complexa: tornam-se comunidades estruturadas por rituais, hierarquias e símbolos que moldam comportamentos e identidades. Diante da escassez que se apresentou de estudos atualizados sobre o tema, utilizei a minha experiência pessoal como ponto de partida e fonte de observação, buscando compreender como práticas consideradas “formadoras” e “tradicionais” são, muitas vezes, mecanismos de controle e exclusão. A pesquisa se materializa em um produto jornalístico no formato de podcast, construído a partir de relatos anônimos de ex-moradores. A proposta não é fazer juízo de valor sobre o sistema republicano, mas expor e analisar como ele se perpetua sob o discurso da tradição e do pertencimento. Esta pesquisa tem um caráter testemunhal e reflexivo, revelando as contradições entre o ideal de fraternidade e sororidade e as práticas de poder presentes nesses espaços. Assim, o trabalho propõe uma reflexão sobre até que ponto a tradição pode justificar comportamentos que, embora legitimados pela história, perpetuam desigualdades e silenciamentos.

Palavras-chave: república; Mariana; UFOP; tradição; pertencimento; relatos.

ABSTRACT

This work stems from my experience as a resident of a private student residence to critically investigate the workings and traditions that comprise the republican system in Mariana. The residences, traditionally understood as shared living spaces for students, take on a much more complex dimension here: they become communities structured by rituals, hierarchies, and symbols that shape behaviors and identities. Given the scarcity of updated studies on the subject, I used my personal experience as a starting point and source of observation, seeking to understand how practices considered "formative" and "traditional" are often mechanisms of control and exclusion. The research materializes in a journalistic product in podcast format, constructed from anonymous accounts of former residents. The aim is not to pass judgment on the republican system, but to expose and analyze how it perpetuates itself under the discourse of tradition and belonging. This research has a testimonial and reflective character, revealing the contradictions between the ideal of fraternity and sorority and the power practices present in these spaces. Thus, this work proposes a reflection on the extent to which tradition can justify behaviors that, although legitimized by history, perpetuate inequalities and silences.

Keywords: republic; Mariana; UFOP; tradition; belonging; narratives.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 Memória coletiva, identidade e pertencimento	8
2 Tradição e modernidade	10
3 Como se organiza uma república estudantil particular?	11
3.1 Violência simbólica e hierarquia	14
3.2 Medo do pós e conformidade social	15
4 Fui uma vítima, o que fazer?	16
5 Por que o podcast?	17
5.1 O podcast como ferramenta do jornalismo	18
5.2 Jornalismo narrativo e podcast	19
6 As fontes	20
6.1 Anonimato, estrutura e edição	21
6.2 Roteiro	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

Morei por um ano e meio em uma república feminina particular em Mariana, no início da minha graduação na Universidade Federal de Ouro Preto. Essa experiência me permitiu observar e viver de perto as dinâmicas sociais e emocionais que permeiam esse espaço. As repúblicas estudantis desempenham um papel central na formação e na vida social de muitos jovens, especialmente em uma região que carrega essa tradição há décadas. Esses locais são caracterizados por uma vivência intensa e por laços duradouros, criados a partir de tradições e rituais que fazem parte do cotidiano dos envolvidos (Moser; Ferreira, 2023).

No entanto, embora as repúblicas sejam frequentemente retratadas como ambientes de acolhimento, liberdade e amizade, percebi que há uma forte romantização dessas práticas, o que pode ocultar dinâmicas de poder, exclusão e sofrimento por parte daqueles que não se encaixam no sistema (Menezes; Ferreira, 2023). Essa percepção pessoal despertou em mim o desejo de compreender mais profundamente como essas tradições impactam a vida dos estudantes, dentro e fora da universidade.

Durante a pesquisa, encontrei grande dificuldade em localizar estudos e dados atualizados sobre o tema, especialmente sob uma perspectiva voltada às experiências e às relações sociais dos ex-moradores. Diante dessa lacuna, decidi utilizar minha própria vivência como ponto de partida e referência, articulando-a com relatos coletivos que pudessem ampliar a compreensão desse fenômeno.

Assim, este trabalho visa analisar e divulgar as experiências de ex-moradores de repúblicas a partir de um viés jornalístico narrativo, buscando compreender como as tradições e práticas observadas nesses espaços influenciam suas trajetórias durante e após a vida universitária. A pesquisa concentra-se na coleta de relatos anônimos sobre as vivências e conta com a colaboração de uma socióloga para interpretar os dados coletados, permitindo uma análise dos efeitos dessas experiências nas relações sociais dos ex-moradores.

A escolha do formato podcast justifica-se por sua capacidade de estabelecer uma conexão profunda entre os ouvintes e as narrativas apresentadas. Essa mídia tem se mostrado uma ferramenta eficaz tanto na disseminação de informações quanto na formação de comunidades em torno de temas sensíveis e socialmente relevantes. A oralidade, elemento central do podcast, favorece a aproximação entre fonte e público, proporcionando uma experiência mais imersiva e empática. Além disso, permite preservar o anonimato dos entrevistados, o que está

em consonância com o viés proposto neste projeto. Essa característica garante a segurança e reduz o risco de represálias, estimulando a construção de relatos mais autênticos e sinceros.

1 Memória coletiva, identidade e pertencimento

Giancarlo Moser e Giovana Callado Ferreira (2023) argumentam que a memória coletiva desempenha um papel crucial na formação de identidades e comunidades, pois fortalece laços sociais e preserva as experiências compartilhadas. Essa perspectiva é ampliada por Santos (2023), que ressalta que esse é um processo ativo que não apenas reflete experiências passadas, mas também constroi um sentido de pertencimento e continuidade entre os membros de uma comunidade. Segundo ele, a seleção de quais memórias serão mantidas e celebradas serve para reforçar a identidade grupal e promover coesão social, enquanto aquelas indesejadas ou desconsideradas podem resultar em exclusões e divisões internas. Lima (2020) acrescenta que a memória social tende a valorizar experiências positivas, silenciando conflitos e violências simbólicas. Assim, a memória coletiva é seletiva, priorizando vivências que consolidam esses laços e mantêm vivas as narrativas coletivas, contribuindo para a formação de um capital social fundamental para a convivência em comunidades, como é o caso das repúblicas estudantis.

Para compreender as repúblicas estudantis de Mariana, é preciso antes voltar a Ouro Preto, cidade-mãe dessa tradição. A história das repúblicas ouropretanas remonta ao século XIX, quando a criação da Escola de Minas, em 1876, atraiu estudantes de diversas regiões do país para uma cidade com pouca estrutura de hospedagem. Sem moradia institucional disponível, os estudantes passaram a alugar casarões coloniais e a organizá-los de forma coletiva, criando as primeiras repúblicas. Com o tempo, essa solução prática ganhou contornos simbólicos e rituais próprios, transformando-se em uma das mais singulares formas de organização estudantil do Brasil.

Hoje, Ouro Preto conta com mais de 400 repúblicas, entre federais e particulares, tornando-se referência nacional e até internacional em cultura republicana universitária. É um dos poucos lugares do país onde esse sistema se consolidou de forma tão estruturada, com regras, hierarquias, rituais de entrada, festas próprias e uma memória coletiva transmitida de geração em geração. A UFOP, que possui em média 11 mil estudantes matriculados em cursos presenciais, convive com esse sistema como parte inseparável da sua identidade institucional, embora essa convivência nem sempre seja isenta de tensões.

Mariana, cidade vizinha e também histórica, foi naturalmente atravessada por essa cultura. Com a criação dos campi da UFOP em Mariana, cresceu também a demanda por moradia

estudantil e, conseqüentemente, a multiplicação das repúblicas. Segundo Rezende (2021), o número de repúblicas na cidade já ultrapassa 100 casas. Ao contrário das repúblicas federais de Ouro Preto, que possuem algum grau de vínculo e fiscalização com a universidade, as repúblicas particulares daqui operam de forma completamente autônoma, sem qualquer regulamentação institucional formal, o que amplia a invisibilidade das violências que ocorrem em seu interior.

A influência de Ouro Preto sobre Mariana não é apenas geográfica ou histórica, ela se dá, sobretudo, no plano simbólico. As repúblicas marianenses herdaram os rituais, a linguagem, a hierarquia e o imaginário das casas ouropretanas, replicando um modelo que se apresenta como tradição, mas que carrega consigo também suas contradições e seus silêncios. Estudantes que chegam a cidade frequentemente já trazem consigo a ideia romantizada do que é "viver em república", alimentada por gerações anteriores e por uma cultura que associa a vida republicana à plenitude da experiência universitária.

Como discutido por Giddens (2001), a tradição se ancora em três pilares: ritual, memória coletiva e a figura do guardião, elementos fundamentais para a construção da segurança ontológica, isto é, uma sensação de estabilidade e coerência existencial que os indivíduos necessitam para enfrentar a fluidez da vida moderna. Esses elementos são reconhecíveis nas repúblicas, que, segundo Raiane Rezende (2021), não são apenas moradias temporárias, mas locais de intensa socialização e formação identitária. A convivência nesses espaços cria esse senso de pertencimento, mas também gera exclusão e normaliza comportamentos tóxicos (Silva, 2022).

Giddens (2001) aponta que a modernidade rompe com os monopólios do saber tradicional, abrindo espaço para múltiplas interpretações e para a crítica às práticas estabelecidas. No entanto, essa mesma modernidade, instável e incerta, também produz um desejo de retorno ao conhecido. As repúblicas, nesse sentido, operam como portos seguros: oferecem estabilidade, continuidade e pertencimento em meio às transformações velozes do mundo contemporâneo.

Esse apego ao tradicional, contudo, pode ganhar contornos de fundamentalismo social, quando se manifesta como resistência incondicional à mudança. É quando a tradição não é mais um elo com o passado, mas um escudo contra qualquer forma de modernização. Para compreender essa dinâmica, Silva (2022) evidencia como as estruturas sociais sustentam relações de poder e controle, frequentemente internalizadas pelos próprios sujeitos. No

contexto das repúblicas, a hierarquia entre veteranos e calouros reforça um ambiente de submissão e exclusão, legitimado sob o pretexto da tradição.

As repúblicas são locais de tensão entre tradição e modernidade, entre pertencimento e exclusão, entre memória e esquecimento. Analisar esses espaços a partir de uma perspectiva crítica exige reconhecer tanto sua potência de gerar vínculos e identidades quanto os riscos de perpetuar práticas abusivas sob o manto da tradição. Como alerta Oliveira (2023), os relatos de ex-moradores são fontes indispensáveis para compreender os impactos sociais e subjetivos dessas experiências, permitindo que novas narrativas sejam construídas, narrativas essas que acolham a diversidade, a mudança e o diálogo com o tempo presente.

2 Tradição e modernidade

A tensão existente entre tradição e modernidade é um dos principais marcadores das transformações culturais contemporâneas. Como afirma Giddens (2001), a modernidade assume um papel de desestruturação das bases ontológicas que, nas sociedades tradicionais, garantem previsibilidade, estabilidade e sentido à vida social. Contudo, o mesmo processo que é capaz de fragmentar, também é o responsável por reativar. Em uma realidade de incertezas e aceleração constante, as tradições não desaparecem, como muitos podem achar, elas são ainda mais reforçadas, numa tentativa incessante de recuperar um sentimento de ordem e pertencimento que talvez foram perdidos.

Nas repúblicas de Mariana, essa dialética entre permanência e mudança é particularmente visível. Esses espaços, formados historicamente a partir da cultura universitária ouropretana, atuam como microcosmos onde se inscrevem práticas tradicionais, rituais simbólicos e hierarquias herdadas. Mesmo em meio a uma juventude conectada às redes digitais, a valores democráticos e à fluidez identitária, é possível observar estruturas de poder baseadas em papéis rigidamente definidos.

Contudo, com a expansão dos debates sobre direitos humanos, diversidade e saúde mental, os rituais tradicionais das repúblicas passam a ser questionados. O que antes era considerado "normal" ou "engraçado", trotes violentos, silenciamentos, práticas abusivas, hoje é problematizado por novos agentes sociais que reivindicam a reinvenção desses espaços. A modernidade, ao relativizar as certezas e desconstruir verdades formuladas, cria fissuras nas tradições e abre brechas para a transformação.

Porém, essa ruptura não é simples. Como mostram Santos (2023) e Lima (2020), a memória coletiva e o pertencimento estão profundamente enraizados em narrativas que conferem sentido às práticas sociais. Ao se questionar uma tradição, questiona-se também uma identidade, e nesse caso de repúblicas, uma identidade grupal. Isso explica por que tantos sujeitos resistem às mudanças: não apenas para manter o poder, mas porque se sentem ameaçados em sua própria história (Rezende, 2021).

3 Como se organiza uma república estudantil particular?

De modo geral, uma república estudantil é compreendida como uma moradia compartilhada por estudantes que se unem para dividir despesas e responsabilidades do cotidiano, como aluguel, alimentação e manutenção do espaço. No entanto, essa definição assume contornos muito mais complexos quando se trata de Mariana e Ouro Preto. Aqui, as repúblicas ultrapassam a simples função de moradia e se tornam espaços de convivência marcados por tradições, rituais e símbolos próprios, que moldam a vida universitária e influenciam profundamente as relações entre os moradores.

Essas práticas não surgem de maneira espontânea nem se restringem a situações corriqueiras do cotidiano, elas são vistas internamente como mecanismos necessários para manter a coesão do grupo, garantir a continuidade da história da casa e preservar um sentimento de pertencimento que atravessa gerações. O sistema se justifica, portanto, por uma lógica própria, na qual o respeito à tradição é entendido como prova de lealdade. Ainda que muitos desses rituais sejam revestidos de um discurso de “formação”, eles funcionam como instrumentos de controle e hierarquia, reforçando desigualdades e naturalizando situações de constrangimento e violência.

Para quem nunca viveu esse universo, é importante entender como ele funciona na prática. Uma república não nasce do nada, ela é, em geral, fundada por um grupo de estudantes que se estabelecem em uma casa e, ao longo do tempo, criam uma identidade coletiva para aquele espaço. Essa identidade é construída por meio de histórias, apelidos, rivalidades com outras repúblicas, festas próprias e, sobretudo, por um conjunto de regras não escritas que determinam como se deve viver ali. Quando os fundadores se formam, a casa não se dissolve, ao contrário, ela é passada adiante, e com ela, toda a sua carga simbólica.

Nesse contexto, surge a figura do guardião, responsável por zelar e manter viva a memória da casa. Para Raiane Rezende (2021), esse papel pode ser facilmente identificado dentro das

repúblicas na figura do decano, estudante que está a mais tempo morando na casa, encarregado de manter as tradições e compartilhar as memórias, práticas e costumes com os demais. Ele, além de ter pleno conhecimento de como funciona o sistema republicano, dita com quais outras casas a sua república deve se relacionar, quais deve evitar e sugere como os moradores e, principalmente os bixos¹, devem se comportar diante dessa micro sociedade composta pelas repúblicas da região.

Bixos é como são chamados os calouros da casa, aqueles mais novos que acabaram de entrar e estão passando pela batalha. Uma das marcas mais simbólicas dessa fase é o apelido, atribuído pelos moradores como forma de “batismo” do novo integrante. O apelido substitui completamente o nome real do indivíduo e nasce de características físicas, traços de personalidade ou situações vividas durante a batalha. Embora muitas vezes descrito como algo “engraçado” ou “afetivo”, o apelido carrega um peso simbólico: ele apaga a identidade anterior do estudante e o reinsere na comunidade sob uma nova denominação, moldada pelos outros.

A batalha consiste em uma série de tarefas que são desempenhadas apenas pelo bixos da república. Essas tarefas vão de tirar o lixo todos os dias, a fazer uma reforma em algo necessário dentro da casa. Cada república tem suas tarefas específicas e isso pode variar muito. Algumas possuem batalhas mais pesadas, com atividades fisicamente mais árduas, outras concentram-se mais em testar o psicológico dos calouros, ver até onde eles aguentam. O discurso interno é de que essas práticas “ensinam o valor do coletivo” e “criam laços duradouros”, mas, ao observar de dentro, percebi que funcionam como rituais de poder e exclusão, nos quais o pertencimento precisa ser conquistado pela resistência e pela conformidade. Esse processo culmina em dois possíveis desfechos: a escolha ou a catação.

A escolha é o momento em que o bixo finaliza a sua batalha e é oficialmente morador daquela república. É uma festa realizada para repúblicas convidadas, onde o bixo é embebedado e recebe a sua plaquinha. Ele é responsável por ficar com ela durante todo o evento para que os convidados possam assinar, reconhecendo que aceitam aquela pessoa dentro do seu círculo social. Após ser escolhido, o indivíduo assume novas responsabilidades na dinâmica interna da república. Quando ele se forma, sobe ao nível de "ex-aluno", passando a ocupar uma posição ainda mais intocável: a de quem já cumpriu todos os ritos e agora pode

¹ Bixo é o termo usado pelos estudantes para se referir aos calouros recém-chegados às repúblicas. A grafia com “x” é tradicional e faz parte da cultura universitária de cidades como Ouro Preto e Mariana.

exigir que os mais novos também os cumpram. Essa estrutura cria um ciclo quase perfeito de reprodução: quem sofreu, aprende que sofrer é parte do processo; quem aguentou, aprende que aguentar é uma virtude; e quem chegou ao final, sente que tem o direito de perpetuar o sistema que o formou.

É nessa lógica de ciclo que reside um dos mecanismos mais potentes de manutenção da violência simbólica nas repúblicas. Não há um vilão único, mas um sistema que distribui papéis e que convence seus participantes de que esses papéis são naturais, merecidos e necessários. Como analisa Bourdieu (1997), a violência simbólica é eficaz justamente porque opera por dentro dos sujeitos, tornando a dominação invisível para quem a exerce e aceitável para quem a sofre.

A catação, por outro lado, representa a expulsão, visto como um fracasso em se adaptar às regras e expectativas do grupo. Embora seja considerada uma consequência natural da “falta de perfil”, ela muitas vezes mascara situações de rejeição, preconceito ou conflitos pessoais.

Além desses rituais simbólicos que caracterizam a vida republicana, uma prática fundamental é o compartilhamento de memórias, diretamente relacionado ao conceito de memória coletiva descrito por Giddens (2001). Cabe ao decano e aos moradores o papel de transmitir aos novos integrantes as histórias da casa, mantendo vivas as lembranças que moldam a identidade da república.

Esse compartilhamento não se restringe a fatos isolados, mas abrange aspectos fundamentais da vida republicana, como os vínculos de amizade entre repúblicas, as rivalidades e seus motivos, a conduta dos ex-alunos e as expectativas comportamentais dos atuais residentes, que devem estar alinhadas à personalidade simbólica da casa. Quando essas narrativas deixam de ser renovadas ou transmitidas, a república tende a perder sua coesão: forma-se um ambiente marcado por laços superficiais, fragilidade simbólica e perda de referência identitária. Em outras palavras, deixa de ser uma república no sentido pleno de fraternidade e sororidade.

De acordo com Raiane Rezende (2021), em Ouro Preto, existem mais de 400 repúblicas, entre particulares e federais; em Mariana, o número ultrapassa 100 casas. Considerando uma média de seis moradores por república, estima-se que cerca de 3 mil estudantes vivam nesse universo paralelo, onde normas internas, tradições e vínculos afetivos criam um mundo à parte, mais confortável e previsível do que a vida “lá fora”. Nesse espaço social que costuma

durar, em média, quatro anos, o indivíduo sabe a qual grupo pertence, onde está e qual é o seu lugar. Dentro da república o laço com a tradição e o senso de pertencimento geram a sensação de estabilidade, como se aquele sistema estivesse em vigor há séculos.

Com o tempo, percebi que a tradição é o que dá sentido à república, mas também o que limita o espaço de liberdade dentro dela. Questioná-la é, muitas vezes, ser visto como uma ameaça à continuidade desse sistema. É nesse ponto que a crítica se torna necessária: compreender as repúblicas não apenas como espaços de convivência estudantil, mas como microcosmos de poder, pertencimento e resistência, onde o mesmo ritual que une, exclui, e onde a memória coletiva é usada para preservar e para silenciar.

3.1 Violência simbólica e hierarquia

Bourdieu (1997, p. 204) define violência simbólica como toda forma de coerção que se estabelece por meio da adesão do dominado ao sistema de dominação. Essa adesão ocorre porque ambos compartilham os mesmos instrumentos de percepção e interpretação do mundo, os quais fazem com que a dominação pareça legítima e natural:

Toda coerção que só se institui por intermédio da adesão que o dominado acorda ao dominante (portanto à dominação) quando, para pensar e se pensar ou para pensar sua relação com ele, dispõe apenas de instrumentos de conhecimento que têm em comum com o dominante e que faz com que essa relação pareça natural. (Bourdieu, 1997, p. 204)

No contexto das repúblicas estudantis, essa forma de violência se manifesta na exclusão de indivíduos que não se enquadram nos padrões normativos desse microcosmo social. Segundo Bourdieu (1998), a violência simbólica atua no processo contínuo de socialização, sustentando-se na produção e reprodução de crenças que orientam o modo como os indivíduos se posicionam no espaço social. Assim, o poder simbólico se exerce por meio do reconhecimento da legitimidade de certas classificações e discursos. Não se limita a recursos materiais ou prestígio institucional, mas depende da aceitação coletiva dos sentidos atribuídos a essas posições sociais (Bourdieu, 1998).

Como analisa Lahire (2005), em uma compreensão contemporânea de Bourdieu, o sucesso e eficácia da violência simbólica está justamente na invisibilidade da sua imposição, operando como “violência suave”, internalizada por meio dos *habitus* socialmente construídos. A hierarquia observada dentro das repúblicas é uma forma de manter e perpetuar as mais diversas formas de violência simbólica, seja na imposição de apelidos vexatórios que

reforçam a estigmatização do indivíduo na sociedade, ou no silenciamento de opiniões particulares que não condizem com a bolha social.

3.2 Medo do pós e conformidade social

Após todas as colocações e apontamentos apresentados até aqui, é possível que você se pergunte: se há tantos aspectos prejudiciais associados à convivência em repúblicas, por que tantos estudantes continuam optando por viver nesse ambiente?

Uma possível explicação está no fenômeno da conformidade social, conceito desenvolvido por Tajfel e Turner (1979), segundo o qual os indivíduos tendem a buscar uma identidade social positiva por meio da filiação a grupos específicos. Essa necessidade de pertencimento leva à conformidade, uma vez que ser aceito e aprovado pelos membros do grupo se torna um objetivo central.

De acordo com dados institucionais, a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) possui, em média, 11 mil estudantes matriculados em cursos presenciais. Desses, cerca de 3 mil residem em repúblicas estudantis. Embora esse número represente menos da metade do total de estudantes, Ouro Preto se destaca nacionalmente pela tradição republicana, em nenhum outro lugar do Brasil há um sistema tão consolidado como o existente na região. Esse contexto cultural torna o ingresso em repúblicas altamente simbólico e desejável, especialmente para os calouros, que muitas vezes sentem-se pressionados a se adaptar a esse microcosmo social para garantir aceitação e integração.

Aqueles que não se inserem nesse universo são, frequentemente, excluídos do convívio social mais amplo, pelo fato da cidade ser marcada por vínculos universitários e tradição comunitária. Para estudantes oriundos de outros estados ou cidades, as repúblicas funcionam como espaços de acolhimento simbólico, nos quais é possível criar vínculos e pertencer. É nesse contexto que a conformidade social opera de forma intensa, atuando, inclusive, no silenciamento daqueles que decidem se afastar desse ambiente ou que não se adaptam a ele.

Não fazer parte implica, muitas vezes, ter sua história e suas experiências tornadas invisíveis ou deslegitimadas. Como argumenta Lima (2020), a memória coletiva é seletiva e tende a preservar os relatos que reforçam a identidade do grupo, silenciando discursos dissonantes e contribuindo para a reprodução de formas de violência simbólica.

4 Fui uma vítima, o que fazer?

Este trabalho não é um exercício acadêmico descolado da realidade de quem o lê. Se alguma das histórias narradas aqui ecoou algo que você viveu, ou ainda vive, dentro de uma república, é importante saber que existem caminhos possíveis além do silêncio.

O primeiro passo, muitas vezes o mais difícil, é nomear o que aconteceu. Humilhação sistemática, silenciamento de identidade, pressão psicológica, assédio e exposição vexatória são formas de violência, mesmo quando o ambiente ao redor insiste em normalizá-las. Reconhecer isso não é fraqueza, é o começo da saída.

A UFOP dispõe de uma rede de apoio institucional que, embora ainda insuficiente diante da dimensão do problema, existe e pode ser acionada. Para estudantes do campus de Mariana, o atendimento psicológico é oferecido pela **NACE Mariana** (Núcleo de Assuntos e Coordenadoria Estudantil), o contato com o Núcleo pode ser feito pelo e-mail nacerecepcao.prace@ufop.edu.br ou presencialmente no prédio anexo à Biblioteca do ICHS. O agendamento é realizado por formulário online, disponibilizado toda segunda-feira no site da PRACE (Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis). Para estudantes do campus de Ouro Preto, o atendimento é feito pelo Centro de Saúde da própria universidade, também via agendamento pelo e-mail institucional.

Além do suporte psicológico, a universidade possui canais formais de denúncia. Denúncias de trote e abuso podem ser registradas pela plataforma **Fala.BR**, canal oficial da ouvidoria da UFOP, por meio do qual é possível abrir um processo administrativo. A UFOP também conta com o **Núcleo de Direitos Humanos (NDH/UFOP)**, que recebe denúncias e oferece orientação jurídica. Desde 2017, o Conselho Universitário aprovou uma resolução que proíbe formalmente qualquer tipo de trote na universidade, prevendo penalidades que vão de advertência à suspensão e ao desligamento dos envolvidos.

Para situações de sofrimento emocional que não chegam ao nível de emergência, mas que exigem escuta e acolhimento, a UFOP mantém também o **ABRACE**, grupo de cuidado e acolhimento estudantil vinculado à PRACE, voltado para estudantes que atravessam situações de sofrimento psíquico e dificuldades emocionais, com funcionamento baseado em encontros coletivos de apoio mútuo e escuta qualificada.

É importante reconhecer, no entanto, que a estrutura institucional tem limitações. Repúblicas particulares, como a maioria das casas de Mariana, não estão sujeitas à fiscalização direta da UFOP, o que significa que as denúncias envolvendo essas casas percorrem caminhos mais tortuosos e nem sempre chegam a um desfecho satisfatório. Isso não invalida o ato de denunciar, mas exige que a vítima esteja amparada por outras redes de apoio: amigos de confiança, familiares, profissionais de saúde e, quando possível, coletivos estudantis que atuam fora do sistema republicano.

Sair de uma república, quando a situação se torna insustentável, pode parecer uma derrota dentro da lógica que esse sistema impõe. Mas como as histórias narradas neste podcast revelam, sair pode ser o maior ato de autocuidado possível. Não existe quadrinho na parede que valha mais do que a integridade de quem você é.

5 Por que o podcast?

Podcasts são programas de áudio ou vídeo cuja principal característica é sua forma de distribuição direta e atemporal, denominada podcasting. O termo “podcasting” vem da junção do prefixo “pod”, de iPod, com o sufixo “casting”, de broadcasting, que significa a transmissão pública e massiva de informações. Segundo Meditsch (1999 *apud* Bufarah, 2003), a difusão massiva de áudio proporcionada pelo podcasting não se caracteriza como um serviço radiofônico e sim fonográfico, por não ser emitido em tempo real.

De acordo com Silva (2008), no Brasil o fenômeno dos podcasts começou a partir de 2004, com o primeiro sendo o Digital Minds, de Danilo Medeiros. Dezenas de outros surgiram em seguida, porém, mesmo com a crescente popularização, em 2005 ocorreu o chamado “podfade”, que foi o fim de diversos podcasts no Brasil e no mundo por razões diversas. A partir de 2008, houve uma nova crescente neste ramo da comunicação, com muitos novos podcasters surgindo e poucos sobreviventes da primeira era.

Inicialmente, os podcasts brasileiros se assemelhavam muito com os produzidos nos Estados Unidos, lembrando muito programas ao vivo de rádio, com pouca ou nenhuma edição. Após o “podfade”, os novos programas que surgiram se reinventaram e focaram mais no público jovem (18 - 35 anos), aliando humor, técnica e mixagem de som com a produção de pautas leves, descompromissadas e trilhas sonoras que valorizavam a fala dos locutores.

A profissionalização, ou seja, aqueles que se tornam empresas e pagam impostos, dos podcasts no Brasil são menos frequentes. A grande parte dos podcasters são originalmente ouvintes que decidem fazer podcast, motivados pela diversão (Luiz; Assis, 2010). Luiz e Assis (2010) ainda destacam que o fato da maioria dos podcasts serem produzidos por iniciativas pessoais, faz com que essa forma de comunicação valorize mais nichos que são marginalizados pelos meios de comunicação tradicionais.

Diante desse cenário, a escolha pelo formato podcast como meio de comunicação neste trabalho se justifica por sua capacidade de democratizar a produção e a circulação de conteúdos, além de estimular uma escuta ativa e flexível, características valorizadas na contemporaneidade. A facilidade de acesso e a autonomia do ouvinte tornam o podcast uma ferramenta eficaz para dialogar com públicos específicos e abordar a temática deste produto, que é frequentemente negligenciada pelos meios tradicionais de mídia. Ademais, segundo a PodPesquisa 2024–2025, realizada pela Associação Brasileira de Podcasters, 92,81% do público ouvinte de podcasts no Brasil é composta por estudantes de graduação e pós-graduação, o que reforça a pertinência dessa escolha, considerando o perfil do público a que este projeto se destina.

5.1 O podcast como ferramenta do jornalismo

O formato podcast vem se consolidando como uma ferramenta muito importante e amplamente utilizada dentro do jornalismo contemporâneo, em especial dentro do campo do jornalismo digital. Com uma linguagem versátil e um formato acessível, esse formato permite que a produção de conteúdos mais aprofundados tenha uma maior liberdade de tempo, estilo e abordagem. De acordo com Salaverría (2010), as novas tecnologias digitais oferecem aos jornalistas possibilidades inovadoras de contar histórias. Dentro desse aspecto, o podcast se destaca pela sua capacidade de unir elementos do rádio tradicional com recursos do jornalismo multimídia.

Ao contrário de noticiários tradicionais, os podcasts oferecem uma abordagem mais reflexiva e detalhada de diferentes temas, possibilitando uma escuta crítica e a exploração de pautas pouco abordadas por meios tradicionais. Ademais, a distribuição em plataformas digitais como Spotify, unida ao grande acesso a celulares, aumenta significativamente o alcance e a permanência das produções jornalísticas, construindo uma audiência fiel.

Por permitir a construção de vínculos com o público por meio da voz, do ritmo e da entonação, o podcast também contribui para um jornalismo mais humano, sensível e subjetivo. Nesse sentido, ele se apresenta como uma mídia potente para a divulgação científica, a denúncia social e a valorização de histórias marginalizadas, especialmente quando se busca dar voz a grupos historicamente silenciados.

5.2 Jornalismo narrativo e podcast

O podcast se apresenta como um formato ideal para a construção do jornalismo narrativo, um estilo que se destaca pela criação de narrativas cativantes, fundamentadas em personagens, cenários ricamente descritos e tramas bem organizadas. Como descreve Kucinski (1991), esse formato jornalístico se diferencia pela combinação de fatos verídicos e a aplicação de recursos literários, incluindo descrições detalhadas, diálogos e a figura do narrador, mantendo uma proximidade com a literatura enquanto se mantém fiel à verdade.

Essa metodologia vê no podcast um espaço promissor para experimentações, pois o formato de áudio proporciona maior flexibilidade para trabalhar com aspectos como entonação, intervalos, trilhas sonoras e efeitos acústicos, que atuam como ferramentas dramáticas. Esses componentes tornam o ato de ouvir uma experiência envolvente, aumentando a conexão emocional e a assimilação de informações. De acordo com Viana (2022), o podcast narrativo traz uma nova perspectiva para o jornalismo, permitindo que o público “veja com os ouvidos” através de sons que criam ambientes e sensações, transformando a escuta em uma experiência que exige interpretação.

A autora aprofunda sua investigação e destaca quatro fundamentos do radiojornalismo narrativo no ambiente dos podcasts: (1) a criação de uma narrativa envolvente; (2) a ascensão do narrador como um agente emocional e líder da trama; (3) a utilização de elementos dramáticos que prendem a atenção do público; e (4) a investigação minuciosa como um fator essencial para a credibilidade jornalística. Ela ressalta que a imersão se apoia em três tipos de estratégias narrativas: estéticas funcionais, que evocam imagens mentais, e que promovem ligações emocionais.

Exemplos como *Praia dos Ossos* (Rádio Novelo), *Ciência Suja* (Atena Mídia), *Café da Manhã* (Folha de S.Paulo e Spotify) e *A Mulher da Casa Abandonada* (Chico Felitti) ilustram o potencial do podcast narrativo para articular informação, sensibilidade e inovação. Ao unir

rigor investigativo, recursos sonoros e linguagem envolvente, esses produtos evidenciam a força da escuta como prática ética e estética no jornalismo contemporâneo.

Assim, o uso do podcast neste projeto não se limita a uma escolha técnica, mas se afirma como decisão ética e estética, por permitir tratar temas sensíveis com profundidade, cuidado e escuta ativa. Em um cenário marcado pela fragmentação das informações e pela saturação de conteúdos, o jornalismo narrativo em podcast se apresenta como um caminho estratégico para ampliar a consciência crítica do público e estabelecer vínculos mais duradouros com os ouvintes.

6 As fontes

Este produto conta com três personagens principais, duas mulheres e um homem, selecionados de modo a demonstrar que as experiências narradas não representam casos isolados, mas refletem aspectos recorrentes presentes nas vivências republicanas. Todos são ex-moradores de repúblicas particulares de Mariana, com destaque para uma das fontes, que também morou em uma república federal de Ouro Preto e, em ambas as experiências, enfrentou questões semelhantes. Os nomes reais não serão revelados, em cumprimento ao acordo com a fonte de assegurar o anonimato.

João (nome fictício): natural do interior de São Paulo, chegou a Mariana em julho de 2022. Visitou algumas repúblicas masculinas da cidade e acabou escolhendo uma das mais antigas e tradicionais da região, com um amplo histórico problemático nesse universo. Foi “bixo” e “batalhou” entre julho de 2022 e fevereiro de 2023. Decidiu sair em janeiro de 2024, após um episódio de assédio cometido por seu “irmão de batalha”, que foi minimizado e ignorado pelos outros moradores da casa. O assediador permanece até hoje na república e atualmente ocupa o cargo de vice decano.

Ana (nome fictício): natural de Vitória (ES), chegou a Mariana em agosto de 2022. Inicialmente optou por morar em uma república federal feminina em Ouro Preto, onde permaneceu por cerca de oito meses. Após um intenso desgaste físico e emocional nesse ambiente, mudou-se para uma república particular feminina em Mariana, na expectativa de encontrar uma realidade mais tranquila. Morou por um ano nessa nova república, chegou ao vice decanato, mas decidiu sair após desentendimentos com novas moradoras a respeito da gestão da casa. Por fim, trocou de curso na UFOP e mudou-se para uma outra república

particular em Mariana, mais tradicional. Nesta última, morou por apenas quatro meses e decidiu sair após todas as moradoras da casa catarem simultaneamente.

Maria (nome fictício): natural de Contagem (MG), chegou a Mariana em fevereiro de 2020. Entrou em uma das repúblicas particulares femininas mais tradicionais da cidade, que segue rigorosamente todas as tradições herdadas das repúblicas de Ouro Preto. “Batalhou” até maio de 2022, um período mais longo que o habitual devido à pandemia da Covid-19, já que não permaneceu todo o tempo na cidade, deslocando-se várias vezes para sua cidade natal, o que prolongou o processo de “batalha”. Permaneceu na república até dezembro de 2023, quando decidiu sair após sofrer diversas humilhações por parte de três ex-alunas durante a organização da festa do quadrinho delas. Uma amiga próxima, também ex-moradora da república, passou pelas mesmas situações e saiu pouco antes, o que a encorajou a tomar essa decisão.

Este trabalho também contou com a colaboração da socióloga Giulle Adriana Vieira da Mata, professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto. O objetivo dessa colaboração foi aprofundar questões levantadas pelos relatos e avaliar com mais propriedade como a microssociedade criada pelas repúblicas estudantis atua sobre os estudantes.

6.1 Anonimato, estrutura e edição

Para assegurar o anonimato das fontes principais e garantir que elas pudessem contar tranquilamente suas histórias, sem medo de represálias, todas as entrevistas foram gravadas em locais privados, sem a captura de imagens. O trabalho conta com quatro episódios, sendo três com os relatos individuais de cada um dos ex-moradores e um episódio final com a análise da socióloga. São eles:

Episódio 1 - Toda tradição é válida?;

Episódio 2 - Quando a casa deixa de ser lar;

Episódio 3 - O que fica quando a gente vai embora?;

Episódio 4 - Não, tem toda tradição é válida.

Os episódios também incorporam trechos de matérias jornalísticas produzidas ao longo dos anos sobre as repúblicas estudantis, com o objetivo de oferecer mais fluidez à narrativa e reforçar a credibilidade do trabalho, evidenciando que outros profissionais já identificaram e divulgaram as problemáticas que envolvem essas instituições na região.

Toda a edição foi feita através do software BandLab. Além disso, utilizei o CapCut para alterar a voz e orientei individualmente cada um dos entrevistados para que não fizessem descrições muito específicas que pudessem ocasionar uma identificação após a divulgação final do produto.

6.2 Roteiro

EP 1	TODA TRADIÇÃO É VÁLIDA?
TÉCNICA	ÁUDIO
EFEITO SONORO	SOM DE UM SINO DE IGREJA QUE VAI DIMINUINDO, FICA O SOM DE UM RELÓGIO MARCANDO SEGUNDOS.
BG	MÚSICA INTROSPECTIVA.
LOC	EM UMA CIDADE HISTÓRICA, ENTRE CASARÕES COLONIAIS E IGREJAS BARROCAS, EXISTE UM UNIVERSO PARALELO, O DAS REPÚBLICAS ESTUDANTIS PARTICULARES, ONDE TRADIÇÃO E MEMÓRIA SE ENTRELAÇAM. PARA ALGUNS, UM ESPAÇO DE LIBERDADE. PARA OUTROS, UM LUGAR DE SOBREVIVÊNCIA. ALGUMAS CASAS CONTAM HISTÓRIAS. OUTRAS ESCONDEM.
LOC	O QUE VOCÊ VAI OUVIR AGORA É UM TRECHO DE UMA REPORTAGEM EXIBIDA PELO JORNAL DA RECORD EM OUTUBRO DE 2022.
JORNAL DA RECORD 0'00'' A 0'15''	DENÚNCIAS DE TROTES VIOLENTOS CONTRA CALOUROS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO EM MINAS GERAIS, ACENDEM UM ALERTA. POR CAUSA DESSA PRÁTICA EM MORADIAS PARA ESTUDANTES DA CIDADE, MUITOS UNIVERSITÁRIOS TÊM DESISTIDO DE MORAR NAS CHAMADAS REPÚBLICAS.
LOC	EM MARIANA, AS REPÚBLICAS NÃO SÃO APENAS ESPAÇOS

	DE MORADIA. ELAS SÃO RITUAIS, PROMESSAS, PERTENCIMENTO. MAS POR TRÁS DAS JANELAS FECHADAS E PLAQUINHAS PENDURADAS, VIVEM MEMÓRIAS QUE NEM SEMPRE CABEM NOS TROTES OU NAS FESTAS. NESTE PRIMEIRO EPISÓDIO, A GENTE MERGULHA EM UMA DESSAS HISTÓRIAS. ESSE É UM PROJETO SOBRE CASAS E TUDO O QUE ELAS ESCONDEM.
LOC	ELE TINHA 19 ANOS QUANDO CHEGOU À CIDADE. VINHA DO INTERIOR DE OUTRO ESTADO, COM A VAGA GARANTIDA NO CURSO DOS SONHOS E A ANSIEDADE DE QUEM ESTÁ PRESTES A VIVER TUDO QUE SEMPRE QUIS. AS REPÚBLICAS SEMPRE PARECERAM O CAMINHO IDEAL. “VOCÊ SÓ VIVE A UFOP DE VERDADE SE MORAR NUMA REPÚBLICA”, DIZIAM. E ELE ACREDITOU.
LOC	FOI PARA UMA DAS MAIS FAMOSAS DA CIDADE. NO PRIMEIRO DIA, FOI RECEBIDO COM UMA CERVEJA GELADA, MUITOS NOMES QUE NÃO ENTENDEU E UMA PIADA QUE O FEZ RIR POR EDUCAÇÃO. ERA O INÍCIO DE UM CICLO. MAS ELE NÃO SABIA QUE PARA FAZER PARTE, SERIA PRECISO PASSAR POR UMA PROVA QUE NÃO ESTAVA NO EDITAL DO ENEM.
EFEITO SONORO	SOM DE CONTAGEM REGRESSIVA.
LOC	A BATALHA É O NOME DADO AO PROCESSO DE ENTRADA NAS REPÚBLICAS. EM ALGUMAS, É SIMBÓLICA. EM OUTRAS, NEM TANTO. NO CASO DELE, A ROTINA ENVOLVIA TAREFAS DESGASTANTES, TROTES PSICOLÓGICOS, EX-ALUNOS PRECONCEITUOSOS, REGRAS NÃO ESCRITAS E

SON	O MEDO CONSTANTE DE ERRAR. A IDEIA FINAL É VOCÊ ESTAR LÁ NA PAREDE NUM QUADRINHO. E PRA VOCÊ TÁ NA PAREDE NUM QUADRINHO, PRA VOCÊ SER EX-MORADOR, VOCÊ TEM QUE SER MORADOR. DE NOVO, AQUELE NEGÓCIO, NÉ? VOCÊ NÃO É MORADOR. VOCÊ É BIXO. POR MAIS QUE VOCÊ FAÇA X, Y, Z, COISAS, QUE VOCÊS ESTEJA EM NÃO SEI QUANTAS COISAS AQUI NA CASA, VOCÊ É BIXO TODO OUTRO BIXO. COMO QUALQUER PESSOA QUE PODIA TA AQUI FAZENDO AS COISAS QUE VOCÊ TÁ FAZENDO. PORQUE SÃO TAREFAS MAIS SIMPLES, SÃO TAREFAS MECÂNICAS E TAL. TODO ESSE DISCURSO DISFARÇADO TAMBÉM NÉ, QUE JUSTIFICA O FATO DE VOCÊ SE ACEITAR COMO BIXO E DE FAZER OUTRAS PESSOAS TE COLOCARAM COMO BIXO TAMBÉM NÉ.
LOC	O PROBLEMA É QUE, QUANDO TODO MUNDO DIZ QUE ISSO É NORMAL, VOCÊ PASSA A ACREDITAR. OU, PELO MENOS, FINGE QUE ACREDITA, PRA NÃO SER O PRÓXIMO A SER CATADO.
LOC	OS NÚMEROS A SEGUIR FORAM DIVULGADOS NA MESMA REPORTAGEM EXIBIDA PELO JORNAL DA RECORD EM OUTUBRO DE 2022.
JORNAL DA RECORD 1'35" A 1'44"	DOS 103 CALOUROS QUE FIZERAM AS DENÚNCIAS, 92 DESISTIRAM DE MORAR NAS CASAS QUE SÃO GRATUITAS, POR MEDO DAS CONSEQUÊNCIAS.
LOC	OS DIAS FORAM PASSANDO. A ROTINA SE TORNAVA PREVISÍVEL: PIADAS REPETIDAS, TAREFAS DESPROPORCIONAIS, SILÊNCIO EM TROCA DE PERMANÊNCIA.

SON	JÁ VIVI ÍNUMERAS SITUAÇÕES QUE PODERIAM MUITO BEM SER CLASSIFICADAS COMO ABUSO SEXUAL, SEJA, ENFIM, EXPLÍCITO ASSIM MESMO OU IMPLÍCITO, TIPO ASSIM, UMA MÃOZINHA ALI, DE UM NEGOCINHO AQUI, NÃO, NÃO, TÁ TUDO BEM, PORQUE ELE PORQUE É FULANO DE TAL, É O APELIDO, TAL, E É DA CASA TAL, ENTÃO É NOSSO AMIGO. INCLUSIVE QUANDO VOCÊ TÁ NESSE LUGAR DE BIXO, NO FINAL DAS CONTAS VOCÊ NÃO TEM VOZ. VOCÊ VIU AQUILO, OU ACONTECEU COM VOCÊ, NOSSA, MAS CALMA LÁ, VAMOS CONVERSAR, CALMA, VAMOS VER SE REALMENTE COMO QUE COMO QUE FOI, O QUE QUE ACONTECEU, O QUE QUE VOCÊ VIU, O QUE QUE VOCÊ NÃO VIU, MAS TEM CERTEZA?
LOC	HAVIA DIAS BONS, SIM. MAS ATÉ AS RISADAS VINHAM COM GOSTO DE MEDO. UM COMENTÁRIO, UMA INDIRETA, E TUDO VIRAVA MOTIVO PARA CASTIGO. OS RITUAIS QUE PROMETIAM CRIAR LAÇOS DEIXARAM CICATRIZES.
SON	QUANDO VOCÊ TÁ LÁ DENTRO, VOCÊ VÊ OUTRAS PESSOAS QUE NÃO ESTÃO LÁ DENTRO, QUE NÃO SÃO MEMBROS DE REPÚBLICA, ELAS PODEM ATÉ SER PESSOAS QUE SÃO QUERIDAS PELA CASA, QUE SÃO PRÓXIMAS DA CASA, MAS ELAS SEMPRE VÃO SER AS PESSOAS QUE NÃO ESTÃO EM REPÚBLICA. COMO NÃO TEM CORAGEM PRA VIVER, NÃO TEM CAPACIDADE PRA VIVER, VOCÊ OLHA COM OUTROS OLHOS, É UM PRECONCEITO ASSIM QUE VOCÊ NÃO RESPIRA O MESMO AR QUE A PESSOA. E EU SABIA QUE QUANDO EU SAÍSSE DALI, EU IA SER ESSA PESSOA QUE SAIU. EU IA ESTAR NESSE LUGAR DE UMA PESSOA QUE NÃO DEU CONTA.

LOC	ELE SAIU DA CASA UM ANO E MEIO DEPOIS. SEM DESPEDIDA. SEM CAIXA DE CERVEJA. SEM RESENHA.
SON	NÃO É DA NOITE PRO DIA, MAS QUANDO CHEGA ESSE MOMENTO QUE VOCÊ, É MEIO QUE UM QUASE QUE UM ESTALO ASSIM, E QUANDO ELE DÁ, ELE NÃO VOLTA. MEIO QUE DE GOTA EM GOTA O COPO MEIO QUE TRANSBORDA, NÉ? ENTÃO ASSIM, QUANDO CHEGA A HORA, É MUITO DIFÍCIL, EU FIQUEI NÉ MUITO TEMPO LÁ, ENTÃO ASSIM, ÓBVIO QUE O VÍNCULO, A RELAÇÃO AINDA ERA MUITO FORTE, TAL, UMA COISA MUITO DE FAZER PARTE DE MIM MESMO, NÉ? VOCÊ TÁ NUM LUGAR QUE NÃO TE CABE MAIS, VOCÊ FICA PRESO MESMO, FICA ENGAIOLADO, FICA TENDO QUE SE MOLDAR, TENDO QUE SE RECONFIGURAR TODO POR UMA COISA QUE, SE TA TENDO QUE FAZER TODO ESSE ESFORÇO, SE TA SENDO UMA COISA RUIM, NÃO VALE A PENA.
LOC	MORAR EM UMA REPÚBLICA É UM CAPÍTULO IMPORTANTE NA VIDA DE MUITOS ESTUDANTES. MAS, PARA ALGUNS, ESSE CAPÍTULO NÃO É FEITO DE CONQUISTAS OU AMIGOS PARA A VIDA TODA. É FEITO DE SILÊNCIOS. DE FERIDAS. DE MEMÓRIAS QUE DOEM.
LOC	A RESPOSTA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO QUE VOCÊ VAI OUVIR FOI DIVULGADA PELO JORNAL DA RECORD NA REPORTAGEM EXIBIDA EXIBIDA.
JORNAL DA RECORD 2'00" A 2'11"	EM NOTA, A UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO INFORMOU QUE PROÍBE QUALQUER TIPO DE TROTE EM MORADIA ESTUDANTIL E NO CAMPUS. DISSE AINDA QUE SE COMPROMETE A VIABILIZAR A APURAÇÃO RIGOROSA DAS DENÚNCIAS.

LOC	NO PRÓXIMO EPISÓDIO VOCÊ VAI ENTENDER O QUE ACONTECE QUANDO A CASA DEIXA DE SER LAR. EU SOU MARIA JULIA MOURA E ESTE É O “TODA TRADIÇÃO É VÁLIDA? UM PODCAST SOBRE AS TRADIÇÕES, MEMÓRIAS E MARCAS DEIXADAS PELAS REPÚBLICAS ESTUDANTIS PARTICULARES DE MARIANA EM SEUS EX-MORADORES.”
-----	--

EP 2	QUANDO A CASA DEIXA DE SER LAR
TÉCNICA	ÁUDIO
EFEITO SONORO	SOM DE UM SINO DE IGREJA QUE VAI DIMINUINDO, FICA O SOM DE UM RELÓGIO MARCANDO SEGUNDOS.
BG	MÚSICA INTROSPECTIVA.
LOC	QUANDO A GENTE VOLTA A UM LUGAR QUE UM DIA CHAMOU DE CASA, ALGO SE MOVIMENTA POR DENTRO. NÃO É SÓ A MEMÓRIA QUE ACONTECE, É O CORPO TODO. O CHEIRO, A RUA, A ESCADA, O PORTÃO QUE RANGE. TUDO QUE A GENTE TEVE QUE DEIXAR PARA TRÁS COMEÇA A SE REORGANIZAR DENTRO DA GENTE.
LOC	NESSE SEGUNDO EPISÓDIO, A GENTE ABRE A PORTA DE MAIS UMA REPÚBLICA. MAS, DESSA VEZ, O QUE ENCONTRA DO LADO DE DENTRO É UM TIPO DE SILÊNCIO QUE SÓ EXISTE QUANDO A SAUDADE E A DOR CAMINHAM JUNTAS. ESSE É UM EPISÓDIO SOBRE VOLTAR, E SOBRE ENTENDER O QUE FICA, QUANDO A GENTE VAI EMBORA.
EFEITO	PORTA BATENDO, CARRO LIGANDO E SE AFASTANDO.

SONORO	
LOC	ANA, AQUI UM NOME FICTÍCIO, ENTROU PELA PRIMEIRA VEZ NA REPÚBLICA A PARTIR DE UMA FOTO, UM ANÚNCIO QUE PODERIA SER QUALQUER OUTRO. E QUANDO ELA CHEGOU, PERCEBEU QUE EXISTE UM TIPO DE ENCONTRO QUE NÃO É ESCRITO PELA GENTE, É ESCRITO PELO LUGAR.
SON	VOCÊ ENTRA, VOCÊ NÃO É CONSIDERADA UMA MORADORA OFICIAL PERMANENTE DA CASA. VOCÊ TEM QUE PASSAR POR UMA ESPÉCIE DE DE PERÍODO DE ADAPTAÇÃO COMO SE FOSSE MEIO QUE UM ESTÁGIO NA REPÚBLICA, TEM TAREFAS E COISAS QUE VOCÊ SÓ CUMPRE, SÓ VOCÊ CUMPRE, PARA VOCÊ MEIO QUE APRENDER, ENTRE MUITAS ASPAS, APRENDER A TER RESPONSABILIDADE. O QUE DE CERTA FORMA TEM ALGUM SENTIDO, PORQUE MUITAS PESSOAS QUE SAEM DAS PRÓPRIAS CASAS SÃO MUITO NOVAS, TÊM ALI 17, 18 ANINHOS, NÃO SABE MEXER COM CASA, NÃO SABE ÀS VEZES DAR CONTA DE TAREFA DOMÉSTICA, NÃO TEM RESPONSABILIDADE SUFICIENTE PARA GERIR UMA CASA SOZINHA, PAGAR CONTA, ETC. MAS, EU ACHO QUE TEM MUITAS PROBLEMÁTICAS ATRELADAS A ISSO, PORQUE VOCÊ É COLOCADO NUMA CATEGORIA DIFERENTE E VOCÊ CONSEQUENTEMENTE TAMBÉM É TRATADO DE FORMA DIFERENTE DENTRO DA CASA.
LOC	ELA DESCREVE A COZINHA, O SOFÁ, AS PESSOAS. MAS, ACIMA DE TUDO, DESCREVE UMA SENSAÇÃO DE QUEM, SEM ENTENDER MUITO BEM, FINALMENTE PERTENCE. E ISSO É MUITO CARACTERÍSTICO DAS REPÚBLICAS PARTICULARES DE MARIANA. LUGARES QUE NÃO SÃO SÓ ESPAÇOS DE MORADIA, MAS DE INÍCIO DE ALGUMA COISA.

SON	E TEM TODA A QUESTÃO DA PROMESSA, DE SER UMA COISA QUE, ALUNOS QUE MORAM EM REPÚBLICA SÃO MUITO UNIDOS E QUE MANTÉM ESSA AMIZADE MESMO APÓS FORMAREM, TIPO UMA COISA QUE PERDURA COM O PASSAR DOS ANOS. E EU SEMPRE ACHEI QUE ISSO ERA UMA COISA MUITO BONITA, SABE? TIPO ASSIM, UMA COISA MUITO LEGAL. E AGREGA MUITO, EU ACHO QUE ENRIQUECE MUITO TAMBÉM A TODA EXPERIÊNCIA DE VOCÊ FAZER UMA FACULDADE. TEM ESSE LADO MUITO MUITO UM APELO MUITO GRANDE, SABE? COM RELAÇÃO A TODAS ESSAS QUESTÕES.
LOC	COMO ACONTECE COM QUASE TODO MUNDO QUE ENTRA, A PRIMEIRA VERSÃO DE SI MESMA QUE A GENTE DESCOBRE É UMA VERSÃO MAIS LIVRE. QUANDO A GENTE OUVI ELA FALAR, É QUASE POSSÍVEL VER A TRANSFORMAÇÃO. NÃO UMA TRANSFORMAÇÃO LINEAR, BONITA, ORGANIZADA. MAS A TRANSFORMAÇÃO REAL, AQUELA QUE É BAGUNÇA, QUE É PRIMEIRA DOR, PRIMEIRO FRACASSO, PRIMEIRO AMOR, PRIMEIRA QUEDA. E É IMPOSSÍVEL IGNORAR QUE ESSAS EXPERIÊNCIAS ELAS ACONTECEM NO COLETIVO. NA MEMÓRIA COMPARTILHADA. NO JANTAR IMPROVISADO. NAS BRIGAS POR LIMPEZA. NAS RISADAS QUE FICAM ECOANDO MESES DEPOIS.
LOC	MAS COMO TODA HISTÓRIA COLETIVA, A DAS REPÚBLICAS TAMBÉM TEM SEUS PONTOS DE TENSÃO. ÀS VEZES, QUEM ESTÁ DENTRO NÃO PERCEBE QUE ESTÁ MUDANDO. NEM PERCEBE QUE O AMBIENTE TAMBÉM.

SON	EU SENTI MUITO QUE EU ESTAVA ME TORNANDO UMA PESSOA QUE EU NÃO ERA MAIS EU, EU ERA UM EU REPUBLICANO. EU NÃO TAVA NEM MAIS ME RECONHECENDO, PORQUE EU NÃO FAZIA MAIS NADA DAS COISAS QUE EU GOSTAVA DE FAZER. EU SENTIA QUE EU TAVA VIVENDO ÚNICA E EXCLUSIVAMENTE PRA REPÚBLICA, DANDO TUDO DE MIM E PARECIA QUE NEM ISSO ERA SUFICIENTE.
LOC	AOS POUCOS, AS RELAÇÕES COMEÇAM A PESAR. OS MAL-ENTENDIDOS SE ACUMULAM. E A CASA QUE ERA REFÚGIO COMEÇA A FICAR ESTREITA.
SON	E VOCÊ TEM MUITAS VEZES DAR CONTA DE COISAS QUE VOCÊ NÃO DEVERIA FAZER E VOCÊ TEM QUE FAZER POR SÓ PORQUE VOCÊ É BIXO. E ACEITAR MUITAS SITUAÇÕES QUE EU PELO MENOS CONSIDERO COMO DESRESPEITOSAS. JÁ FUI ASSEDIADA POR CÔNJUGE DE EX-ALUNO DA CASA QUE EU MORAVA, NADA FOI FEITO. POR MORADOR DE REPÚBLICA MASCULINA AMIGA, NADA FOI FEITO. O MENINO CONTINUA LÁ. NINGUÉM PEDIU DESCULPA PARA MIM. ENTÃO TODO ESSE TIPO DE UM DESRESPEITO NO GERAL, SABE? ESSA IDEIA DE FAMÍLIA, DE REDE DE APOIO É COMPLETAMENTE FALSA, RIDÍCULA, PROPAGANDA ENGANOSA. VOCÊ VAI DORMIR ESTRESSADA E PRESSIONADA E VOCÊ ACORDA ESTRESSADA E PRESSIONADA
LOC	O DESLOCAMENTO É UM DOS SINAIS MAIS COMUNS. QUASE TODO MUNDO QUE PASSA POR UMA REPÚBLICA JÁ SENTIU. A PERGUNTA É: COMO É QUE A GENTE SABE QUE É A HORA DE IR EMBORA?

SON	EU NÃO TINHA DESCANSO EM NENHUM MOMENTO. EU VIVIA ÚNICA E EXCLUSIVAMENTE PARA A REPÚBLICA. E SE EU TIRAVA UM TEMPO PARA MIM, EU NÃO ESTAVA CUMPRINDO A MINHA PARTE E EU ERA CHAMADA A ATENÇÃO EM REUNIÃO. E ACEITAR TAMBÉM, EXISTIA A PRESSÃO DE EU ACEITAR DESRESPEITO DE EX-ALUNOS, SÓ PORQUE SÃO EX-ALUNOS. DE EX-ALUNOS FICAREM EXIGINDO E BRIGANDO COMIGO, PORQUE O COPO DELE ESTAVA VAZIO DURANTE A FESTA, SENDO QUE EU TINHA QUE DAR CONTA DURANTE A FESTA LÁ EM CASA, DAR CONTA DE LIMPEZA DE BANHEIRO, DAR CONTA DE BATER CAIXA, DAR CONTA DE FAZER UM MONTE DE COISA E EU TENHO QUE FICAR ACEITANDO EX-ALUNO, ME DESRESPEITANDO, PORQUE O COPO DELE ESTAVA VAZIO. EU SOU O QUÊ, UMA GARÇONETE? EU SOU EU SOU UM BIXO, UM ROBÔ, QUE SÓ SERVE PRA SERVIR?
LOC	O TRECHO QUE VOCÊ VAI OUVIR AGORA VEM DE UMA REPORTAGEM DO CANAL TOP CULTURA, PUBLICADA EM 2016, SOBRE A DISPUTA POR VAGAS NAS REPÚBLICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO.
CANAL TOP CULTURA 00'40" A 1'00"	EXISTEM MAIS DE 150 VAGAS PARA SEREM PREENCHIDAS E O NÚMERO CONSIDERADO DE CALOUROS EM BUSCA DE UM LUGAR PARA MORAR. A BATALHA, PERÍODO EM QUE O CALOR PRECISA PASSAR POR TESTES, É APONTADA PELOS ALUNOS COMO UM DIFICULTADOR PARA ADMISSÃO NAS REPÚBLICAS. EXISTEM TAMBÉM RELATOS DE ATITUDES HOMOFÓBICAS E RACISTAS.
BG	SILÊNCIO
LOC	

BG LOC	DE TODOS OS MOMENTOS QUE UMA REPÚBLICA PROPORCIONA, A SAÍDA É O MAIS SILENCIOSO E O MAIS BARULHENTO AO MESMO TEMPO. É SILENCIOSO PORQUE NINGUÉM SABE O QUE DIZER. E É BARULHENTO PORQUE TUDO DENTRO DA GENTE PARECE GRITAR. MÚSICA INTROSPECTIVA
SON	DEIXAR UMA REPÚBLICA NÃO É SÓ MUDAR DE CASA. É PERDER UMA ROTINA. UMA VERSÃO DE VOCÊ. UMA HISTÓRIA QUE ESTAVA SENDO ESCRITA EM CONJUNTO. O QUE ACONTECE DEPOIS QUE A GENTE SAI? O QUE ACONTECE COM A HISTÓRIA QUE A GENTE DEIXA LÁ? ANA DESCOBRIU QUE O DEPOIS TEM OUTRO RITMO. OUTRO TEMPO. OUTRO LUGAR. EU VALORIZEI MUITO MAIS QUEM EU SOU, MEU TEMPO SOZINHA, MINHA PAZ, AS MINHAS COISAS. PENSEI TIPO ASSIM, E REAVALIEI MESMO, PORQUE ASSIM TEM COISA QUE NÃO VALE A PENA. TANTA COISA NA VIDA QUE JÁ FERRA COM A SUA CABEÇA TANTO, NÉ? A VIDA ADULTA É TÃO DIFÍCIL PARA QUE QUE VOCÊ VAI FICAR SE PREOCUPANDO, SE SENTINDO MAL COM UMA COISA QUE FOI INVENTADA.
LOC	O QUE FICA DEPOIS NÃO É A CASA. NÃO SÃO AS PESSOAS. NÃO É O QUADRINHO PENDURADO NA PAREDE. O QUE FICA É A HISTÓRIA QUE VOCÊ PASSOU A SER DEPOIS DAQUILO. E NO FUNDO, É ISSO QUE FAZ DAS REPÚBLICAS UMA EXPERIÊNCIA TÃO COMPLEXA. ELAS NOS FORMAM, MAS TAMBÉM NOS SOLTAM. NOS ACOLHEM, MAS TAMBÉM NOS EXPULSAM. A HISTÓRIA DA ANA É SÓ UMA ENTRE CENTENAS. MAS, ASSIM COMO TODAS AS OUTRAS, ELA

LOC	MOSTRA QUE A PASSAGEM PELAS REPÚBLICAS PARTICULARES NÃO É SÓ UM PERÍODO DA VIDA UNIVERSITÁRIA. NO PRÓXIMO EPISÓDIO, A GENTE SEGUE CAMINHANDO POR ESSAS MEMÓRIAS. EU SOU MARIA JULIA MOURA E ESTE É O “TODA TRADIÇÃO É VÁLIDA? UM PODCAST SOBRE AS TRADIÇÕES, MEMÓRIAS E MARCAS DEIXADAS PELAS REPÚBLICAS ESTUDANTIS PARTICULARES DE MARIANA EM SEUS EX-MORADORES.”
-----	--

EP 3	O QUE FICA QUANDO A GENTE VAI EMBORA?
TÉCNICA	ÁUDIO
EFEITO SONORO	SOM DE UM SINO DE IGREJA QUE VAI DIMINUINDO, FICA O SOM DE UM RELÓGIO MARCANDO SEGUNDOS.
BG	MÚSICA INTROSPECTIVA.
LOC	ESSE É O ÚLTIMO EPISÓDIO DE RELATOS. ATÉ AQUI, A GENTE OUVIU HISTÓRIAS DE ENCONTRO, DE CHOQUE DE UM TIPO DE PERTENCER QUE PODE SER TÃO BONITO QUANTO DOLOROSO. HOJE, A GENTE VAI ESCUTAR UMA DAS NARRATIVAS MAIS INTENSAS DESTA SÉRIE. UMA HISTÓRIA DE EXPECTATIVA, DE ORGULHO... MAS TAMBÉM DE HUMILHAÇÃO, DE FRATURA E, FINALMENTE, DE RESSIGNIFICAÇÃO.
LOC	QUANDO MARIA, AQUI TAMBÉM UM NOME FICTÍCIO, CONSEGUIU A VAGA NA FEDERAL, O SENTIMENTO ERA CLARO: ALEGRIA. REALIZAÇÃO. UM SONHO QUE FINALMENTE SE MATERIALIZOU.

SON	É, EU CHEGUEI A CONVERSAR COM ALGUMAS REPÚBLICAS, SÓ QUE TODAS ELAS JÁ HAVIAM FECHADO AS VAGAS E QUANDO EU CHEGUEI NA CIDADE, A ÚNICA OPÇÃO QUE ME RESTOU FOI A QUE EU ENTREI E MOREI POR MAIS OU MENOS UNS 4 ANOS.
LOC	ELA VEIO PARA MARIANA COMO MUITOS DE NÓS: CORRENDO CONTRA O TEMPO, COM POUCO DINHEIRO, E COM A IDEIA DE QUE A REPÚBLICA SERIA UMA FAMÍLIA. E, POR UM TEMPO...FOI MESMO.
SON	A UNIVERSIDADE É UMA FASE DA VIDA DE MUITOS ALTOS E MUITOS BAIXOS E EU TAVA LONGE DA MINHA FAMÍLIA, NÉ? E A REPÚBLICA ERA TUDO QUE EU TINHA ALI. E QUANDO EU ENTREI FOI JUSTAMENTE POR CONTA DISSO, ASSIM, POR CONTA DA AMIZADE, DO APOIO, DO ACOLHIMENTO, DESSE COLO, NÉ? QUE EU SABIA QUE EU IA PRECISAR.
LOC	ERA O ESPAÇO ONDE ELA BUSCAVA PERTENCER. ONDE ELA QUERIA CONSTRUIR AMIZADES, MEMÓRIAS, HISTÓRIA. MAS, AOS POUCOS, O QUE ERA PARA SER ACOLHIMENTO COMEÇOU A TOMAR OUTRA FORMA.
SON	SÓ QUE COM O TEMPO EU FUI PERCEBENDO QUE A REPÚBLICA É UM AMBIENTE QUE TE ENSINA ATRAVÉS DA HUMILHAÇÃO. E NO FUTURO, TODA HUMILHAÇÃO QUE VOCÊ PASSOU, VOCÊ É OBRIGADO A FAZER O MESMO COM COM AS PRÓXIMAS GERAÇÕES, NÉ? ASSIM, NÃO TINHA NENHUMA EMPATIA, NÃO TINHA HUMANIDADE, PRINCIPALMENTE POR PARTE DAS HIERARQUIAS MAIORES, NÉ? DAS EX-ALUNAS E ETC.

BG	SILÊNCIO
LOC	O QUE MARIA DESCREVE NÃO É UM EPISÓDIO ISOLADO. É UM SISTEMA. UMA LÓGICA QUE TODO MUNDO CONHECE, MAS POUCOS OUSAM ENFRENTAR.
BG	MÚSICA INTROSPECTIVA
LOC	O TRECHO QUE VOCÊ VAI OUVIR AGORA ESTÁ DISPONÍVEL EM UMA REPORTAGEM VEICULADA PELO JORNAL DA RECORD EM OUTUBRO DE 2022.
JORNAL DA RECORD 00'16" A 00'29"	ESTA SEMANA A MORTE DE DANIEL MACÁRIO DE MELO JÚNIOR COMPLETOU 10 ANOS. O CORPO DO ESTUDANTE FOI ENCONTRADO NO DIA 27 DE OUTUBRO DE 2012. NO DIA SEGUINTE A UMA COMEMORAÇÃO NA REPÚBLICA ONDE MORAVA EM OURO PRETO.
LOC	O “CICLO”. A “TRADIÇÃO”. A HERANÇA QUE PASSA DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO, MESMO QUANDO MACHUCA.
SON	A BATALHA POR SI SÓ, ELA JÁ É BEM HUMILHANTE, NÉ? VOCÊ PRECISA AGRADAR O TEMPO INTEIRO, SE VOCÊ ERRA VOCÊ É HUMILHADO, SE VOCÊ FALA O QUE VOCÊ NÃO DEVE, VOCÊ É HUMILHADO E SE VOCÊ ACERTA NINGUÉM TAMBÉM PODE TE ELOGIAR, NÉ? PORQUE ISSO ERA UMA COISA QUE EU ESCUTAVA MUITO NESSA EX-REPÚBLICA MINHA, QUE BIXO A GENTE NÃO O ELOGIA. ERA O QUE AS MORADORAS MAIS VELHAS SEMPRE FALAVAM.
LOC	

SON	AS TAREFAS. AS OBRIGAÇÕES. A NECESSIDADE CONSTANTE DE PROVAR ALGUMA COISA. COMO OS BIXOS SÃO A MENOR HIERARQUIA DA CASA, AS FUNÇÕES MAIS CHATAS SEMPRE SOBRAM PARA ELES. UMA LEMBRANÇA, NÉ, DE UMA EXPERIÊNCIA QUE ACONTECEU E ME MARCOU DE UMA FORMA NEGATIVA, QUE FOI JUSTAMENTE ISSO, NÉ? COMPRAM DUAS PRATELEIRAS DE MDF DE QUASE 2 METROS, QUE ERAM MUITO PESADAS E EU E AS MINHAS IRMÃS DE BATALHAS TIVEMOS QUE IR ATÉ O LUGAR E TRAZER E DEU MAIS OU MENOS UM QUILOMETRO E MEIO QUE A GENTE TEVE QUE CARREGAR, ERAM MUITO PESADAS, A GENTE ESTAVA EM CINCO PESSOAS E POR SORTE UMA DAS MENINAS ESTAVA COM O NAMORADO DELA E ELE AJUDOU A GENTE, MAS ASSIM, FOI BEM RUIM, FOI BEM CHATO E BEM HUMILHANTE TAMBÉM.
LOC	PESOS QUE ERAM FÍSICOS. MAS TAMBÉM EMOCIONAIS. E, COMO ELA MESMA DIZ, ERA DIFÍCIL SE SENTIR PARTE DE UM LUGAR QUE TE AVALIA O TEMPO TODO.
SON	EU POSSO CONTAR AS POUCAS VEZES QUE EU ME SENTI REALMENTE PERTENCENTE ÀQUELE GRUPO. EU ME LEMBRO MUITO MAIS DE SEMPRE TER QUE ME ESFORÇAR MUITO PARA EU ME SENTIR INCLUSA. ERA DIFÍCIL DE EU CONSEGUIR SER EU MESMA, EU ACHO QUE ISSO TORNA MAIS DIFÍCIL ASSIM VOCÊ SE CONECTAR COM AS PESSOAS.
LOC	O TRECHO QUE VOCÊ VAI OUVIR AGORA VEM DE UMA REPORTAGEM DO CANAL TOP CULTURA, PUBLICADA EM 2016, SOBRE A DISPUTA POR VAGAS NAS REPÚBLICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO.

CANAL TOP CULTURA 4'28" A 4'40" E 5'14" A 5'23"	A ALUNA RAQUEL WACHLER É A MAIS NOVA MORADORA DA REPÚBLICA REBU. PARA ELA A BATALHA NÃO SIGNIFICOU OU PRESSÃO PSICOLÓGICA OU FÍSICA. RAQUEL DEFENDE A FORMA DE ADMISSÃO DOS CALOUROS PELAS REPÚBLICAS. E PODE SER UM POUCO DIFÍCIL PELA PRESSÃO, MAS É UMA COISA QUE VOCÊ CONSEGUE LIDAR. ENTENDENDO QUE AS PESSOAS ESTÃO ALI ABERTAS PRA TE OUVIR, QUE VOCÊ TEM SEU ESPEÇO, QUE VOCÊ PODE FALAR QUE VOCÊ VAI SER OUVIDO, ENTENDEU?
SON	FORAM MUITAS SITUAÇÕES CONSTRANGEDORAS E ABUSIVAS, MAS ACHO QUE A QUE MAIS ME MARCOU FOI TAMBÉM A QUE ME FEZ SAIR DA REPÚBLICA. TAVA EU E UMA OUTRA MORADORA, É QUE A GENTE COMETEU UM UM ERRO NA HORA DE UMA CONTRATAÇÃO DE UM SERVIÇO E A GENTE SABIA QUE A GENTE TINHA ERRADO. SÓ QUE NA ÉPOCA, TODAS NÓS TÍNHAMOS PASSADO POR UMA SITUAÇÃO PESSOAL BEM DIFÍCIL, A GENTE ESTAVA MAL PSICOLÓGICAMENTE E AINDA ERA O FINAL DO PERÍODO. ASSIM, CLARO QUE QUANDO A GENTE COMETE UM ERRO, A GENTE VAI OUVIR AS RECLAMAÇÕES, ISSO É NATURAL. SÓ QUE O QUE ACONTECEU FOI MUITO ALÉM, A GENTE PASSOU É 40 MINUTOS ASSIM ININTERRUPTOS DE UMA AGRESSÃO VERBAL, XINGAMENTO, GRITO E ASSIM HUMILHAÇÃO. E TUDO ISSO POR CONTA DE UMA FESTA QUE NAQUELE MOMENTO TAVA LONGE DE SER A MINHA PRIORIDADE, SÓ QUE AQUELE MOMENTO ASSIM FOI O SUFICIENTE PARA FAZER EU ME SENTIR UM LIXO, ASSIM, A PIOR PESSOA DO DO MUNDO, UMA PESSOA BURRA QUE NÃO APRENDEU NADA, QUE FOI JUSTAMENTE O QUE ELAS FALARAM COM A GENTE NA ÉPOCA.
LOC	

SON	ALGO QUE, PARA MUITA GENTE, PODE PARECER PEQUENO. MAS PARA QUEM JÁ ESTÁ NO LIMITE, É GATILHO. O MAIS DIFÍCIL DISSO TUDO FOI OUVIR ISSO DAS PESSOAS QUE ASSIM EU AMAVA E ADMIRAVA, QUE QUANDO EU CHEGUEI NA CASA, NÉ? FALARAM PARA MIM ISSO, FALARAM QUE A REPÚBLICA SEMPRE IRIA TE ACOLHER, QUE SERIA SUA FAMÍLIA, QUE FICARIA DO SEU LADO, MAS NÃO TIVERAM NEM UM POUCO DE EMPATIA COM NENHUMA DE NÓS, PISARAM NA GENTE. E ASSIM, EU SENTIA EM CADA PALAVRAS QUE ELAS ESTAVAM FALANDO, QUE ELAS QUERIAM QUE A GENTE SE SENTISSE INFERIOR.
LOC	FOI UMA ESSÊNCIA QUEBRADA. FOI A FAMÍLIA PROMETIDA SE VIRANDO CONTRA ELA. DEPOIS DISSO, NADA MAIS FEZ SENTIDO.
SON	E NAQUELE MOMENTO EU PERDI ASSIM O AMOR QUE EU SENTIA PELA REPÚBLICA. TUDO PARECIA UMA MENTIRA E EU ME SENTIA MAL QUANDO TINHA QUE CONVENCER OS PAIS DE UMA CALOURA QUE AQUELE LUGAR ALI SERIA BOM PARA ELA, PORQUE O MEU MEDO ERA DE QUE NO FUTURO ELA PASSASSE PELO MESMO QUE EU TAVA PASSANDO E DE CERTA FORMA EU CONTRIBUÍ PARA ISSO, NÉ?
LOC	A INFORMAÇÃO A SEGUIR TAMBÉM FOI DIVULGADA NA REPORTAGEM DO CANAL TOP CULTURA.
CANAL TOP CULTURA 1'05" A 1'09" E 1'14" A 1'24"	O SISTEMA REPUBLICANO, ELE É UM REFLEXO DA NOSSA SOCIEDADE. DEPOIS DO REUNI, NÓS VIEMOS, PASSAMOS DE QUASE 5.000 ALUNOS PARA 11.000 ALUNOS, É MUITO MAIS

LOC SON	DIFÍCIL ESSA FISCALIZAÇÃO DE REALMENTE O QUE ESTÁ ACONTECENDO DENTRO DE UMA REPÚBLICA OU NÃO. COMO TODO TÉRMINO, VEM CULPA. VEM SOLIDÃO. VEM A SENSÇÃO DE QUEBRAR UMA PROMESSA, MESMO QUANDO ESSA PROMESSA NUNCA TE FEZ BEM. MAS, AO MESMO TEMPO, VEIO PAZ.
LOC SON	ENQUANTO EU TAVA NA REPÚBLICA, EU ESCUTAVA MUITOS COMENTÁRIOS SOBRE OUTRAS PESSOAS QUE SAÍRAM DAS SUAS REPÚBLICAS E ESSAS PESSOAS SEMPRE ERAM TAXADAS COMO FRACAS, QUE A REPÚBLICA NÃO ERA PARA QUALQUER UM E EU CONCORDO COM ISSO. PORQUE HOJE EU VEJO QUE A REPÚBLICA SÓ É PARA VOCÊ SE VOCÊ TÁ DISPOSTO A ABRIR MÃO DO SEU BEM-ESTAR, DO SEU EMOCIONAL, DAS SUAS VONTADES, DA SUA PAZ, EM PROL DE UM SISTEMA QUE A ÚNICA COISA QUE ELE PODE TE OFERECER É UM QUADRINHO NA PAREDE E A PROMESSA DE VOCÊ SER ETERNIZADO. E SINCERAMENTE, QUANDO EU COLOQUEI NA BALANÇA, NÃO VALIA A PENA PARA MIM. É SÓ QUANDO A GENTE SAI QUE CONSEGUE OLHAR PRA TRÁS. É QUANDO A GENTE CONSEGUE DAR NOME ÀS COISAS. ATÉ O MOMENTO QUE EU REALMENTE SAÍ, FORAM ASSIM, MUITAS SESSÕES DE TERAPIA, FORAM MUITAS RECAÍDAS. EU QUERIA E DAÍ EU DESISTIA E EU CHORAVA MUITO PORQUE EU ME SENTIA HORRÍVEL POR QUERER DESISTIR E EU ME SENTIA MUITO FRACA. FOI O TÉRMINO DE RELACIONAMENTO MAIS DIFÍCIL QUE EU JÁ TIVE, É SÓ QUE FOI A MELHOR COISA QUE EU FIZ POR MIM, ASSIM. OS PRIMEIROS MESES ELES FORAM BEM ISOLADOS, NÉ? FOI

LOC	BEM DIFÍCIL. SÓ QUE COMO EU FUI MORAR EM OUTRA CASA, NÉ? SEM ESSE SISTEMA REPUBLICANO, ASSIM, CADA PESSOA TINHA SUA VIDA PARTICULAR. A GENTE NÃO ERA OBRIGADA A INTERAGIR, A SER AMIGO NEM NADA E POR CONTA DISSO A GENTE PODIA SER GENUÍNA, A GENTE PODIA SER NÓS MESMAS. E ASSIM FOI FÁCIL CONSTRUIR AS AMIZADES E AS RELAÇÕES, ELAS FORAM ACONTECENDO COM O TEMPO E ESSE ANO QUE EU PASSEI NESSA CASA NOVA, ELE FOI SUFICIENTE PARA RESSIGNIFICAR TODA A IMPRESSÃO NEGATIVA QUE É DIVIDIR CASA COM OUTRAS PESSOAS MARCOU EM MIM. SÓ O FATO DE VOCÊ CONSEGUIR FICAR TRANQUILO NA SUA CASA, SEM SER HUMILHADO, SEM SER XINGADO E SEM TER DIVERSAS CRISES DE ANSIEDADE, PARA MIM FOI UM DIFERENCIAL.
SON	A RELAÇÃO COM AS PESSOAS DA CASA NÃO SOBREVIVEU. E, TALVEZ, ISSO DIGA MUITO SOBRE O QUE A REPÚBLICA EXIGE. SOBRE O QUE ELA PRIORIZA. SOBRE O QUE ELA COBRA. E SOBRE COMO ESSA ESTRUTURA SE SUSTENTA.
LOC	EU TINHA PASSADO MUITO TEMPO LÁ, ENTÃO ASSIM, EU ME APEGUEI MUITO E QUANDO EU SAÍ, EU SAÍ NA ESPERANÇA DE MANTER AS RELAÇÕES QUE EU TINHA LÁ, SÓ QUE ACABOU QUE NENHUMA FOI PARA FRENTE, PORQUE EU ACHO QUE NO FUNDO É ISSO, ASSIM, VOCÊ ACABA PRIORIZANDO A CASA, A REPÚBLICA. ACIMA DE TUDO, EU ACHO QUE NENHUMA RELAÇÃO QUE EU CONSEGUI CONSTRUIR LÁ FOI SUFICIENTE PARA SE MANTER DEPOIS QUE EU SAÍ DA CASA. MARIA É A TERCEIRA, E A ÚLTIMA VOZ QUE A GENTE OUVI. TRÊS HISTÓRIAS DIFERENTES, MAS QUE SE TOCAM

LOC	EM UMA MESMA SUPERFÍCIE: O PESO DO PERTENCER. A BELEZA E O CUSTO DESSE LUGAR QUE MUITA GENTE CHAMA DE CASA. NO PRÓXIMO EPISÓDIO, A GENTE VAI OUVIR UMA ESPECIALISTA, UMA SOCIÓLOGA, PARA ENTENDER O QUE ESSAS HISTÓRIAS AJUDAM A REVELAR SOBRE SISTEMAS, TRADIÇÕES, VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E SOBRE O QUE FICA NA GENTE DEPOIS QUE O CICLO ACABA. EU SOU MARIA JULIA MOURA E ESTE É O “TODA TRADIÇÃO É VÁLIDA? UM PODCAST SOBRE AS TRADIÇÕES, MEMÓRIAS E MARCAS DEIXADAS PELAS REPÚBLICAS ESTUDANTIS PARTICULARES DE MARIANA EM SEUS EX-MORADORES.”
-----	---

EP 4	NÃO, NEM TODA TRADIÇÃO É VÁLIDA
TÉCNICA	ÁUDIO
EFEITO SONORO	SOM DE UM SINO DE IGREJA QUE VAI DIMINUINDO, FICA O SOM DE UM RELÓGIO MARCANDO SEGUNDOS.
BG	MÚSICA INTROSPECTIVA.
LOC	NESSE ÚLTIMO EPISÓDIO, CHEGOU A HORA DE FAZER A PERGUNTA QUE GUIA TODA ESSA INVESTIGAÇÃO: TODA TRADIÇÃO É VÁLIDA? AO LONGO DESSA SÉRIE, A GENTE OUVIU HISTÓRIAS DE VIOLÊNCIA, HUMILHAÇÃO, ANSIEDADE CONSTANTE E UM TIPO DE PERTENCER QUE COBRA UM PREÇO ALTO. AGORA, A GENTE ABRE ESPAÇO PARA UMA ANÁLISE. NÃO PARA ALIVIAR O PESO DO QUE FOI DITO, MAS PARA ENTENDER POR QUE ISSO ACONTECE. E PRINCIPALMENTE, O QUE SIGNIFICA NORMALIZAR UM

LOC	SISTEMA QUE EXIGE QUE VOCÊ SE ANULE PARA PERTENCER.
ENCONTRO COM PATRÍCIA POETA 1'39" A 1'51"	O TRECHO QUE VOCÊ VAI OUVIR AGORA FOI EXIBIDO NO PROGRAMA ENCONTRO COM PATRÍCIA POETA, DA TV GLOBO, EM 25 DE OUTUBRO DE 2022 E ESTÁ DISPONÍVEL NO CANAL OFICIAL DO PROGRAMA NO YOUTUBE.
LOC	UM CASO DE VIOLÊNCIA QUE FOI SOFRIDO POR UM ESTUDANTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO EM MINAS GERAIS, DE ACORDO COM A FAMÍLIA DELE, O AYRTON, DE 23 ANOS, ENTROU EM COMA, GENTE, DEPOIS DE UM TROTE NA REPÚBLICA SINAGOGA.
SON	A IDEIA DE QUE “REPÚBLICA NÃO É PARA QUALQUER UM” PERPASSA TODAS AS ENTREVISTAS QUE VOCÊ OUVIU. MAS, EM QUE MOMENTO A FORMAÇÃO DE VÍNCULOS E A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA COLETIVA SE TRANSFORMARAM EM MECANISMOS DE CONTROLE? QUANDO UMA TRADIÇÃO EXIGE SILENCIAR SUA PRÓPRIA IDENTIDADE, TALVEZ O NOME DISSO NÃO SEJA TRADIÇÃO. SEJA VIOLÊNCIA. GIULLE DA MATA, SOCIÓLOGA E PROFESSORA DA UFOP, EXPLICA QUE ESSAS CASAS DISPUTAM COM A PRÓPRIA UNIVERSIDADE A LEALDADE DOS ESTUDANTES.
	EU VEJO O SISTEMA REPUBLICANO COMO UM CONCORRENTE INSTITUCIONAL DE PESO DA UNIVERSIDADE. EU VEJO OS MEUS ESTUDANTES REALMENTE DELIRANDO MUITAS VEZES, REALMENTE ASSIM, PASSANDO POR TUDO QUANTO É DRAMA, POR TUDO QUANTO É TIPO DE PESO NA DECISÃO SOBRE QUAL A QUAL INSTITUIÇÃO ELES DEVEM ATENDER EM

LOC	DETERMINADOS MOMENTOS, NÉ? ISSO COLOCA, TRAZ MUITO SOFRIMENTO EM RELAÇÃO À REORGANIZAÇÃO DA HIERARQUIA DE PRIORIDADES.
SON	ESSE CONFLITO APARECE EM TODAS AS ENTREVISTAS. OS EX-MORADORES SE VIAM ENTRE DUAS OBRIGAÇÕES: O CURSO E A CASA. MAS GIULLE VAI ALÉM. ELA EXPLICA QUE O SISTEMA SÓ SE TORNA TÃO FORTE PORQUE ELE É A SOLUÇÃO POSSÍVEL PARA UM PROBLEMA PÚBLICO: A FALTA DE MORADIA ESTUDANTIL.
LOC	EU ENTENDO O SISTEMA REPUBLICANO COMO UMA SOLUÇÃO INDIVIDUAL PARA UM PROBLEMA PÚBLICO. MAIS DO QUE NECESSARIAMENTE UMA NECESSIDADE DE PERTENCIMENTO. EU ACHO QUE A CELEBRAÇÃO DO PERTENCIMENTO, A CONSTRUÇÃO DA CULTURA REPUBLICANA, ELA ME PARECE MUITO MAIS UMA COMPENSAÇÃO, A AUSÊNCIA DE ALTERNATIVAS. ENTÃO MAIS REFÊM A GENTE FICA DESSE TIPO DE CONSOLO, QUE É CELEBRAR ESSA CULTURA, ESSA ESSA SOLUÇÃO E SE APRESENTAR COMO UM TESTEMUNHO DA EFETIVIDADE, DA EFICÁCIA, ATÉ DA ALEGRIA QUE É PARTICIPAR DISSO.
ENCONTRO COM PATRÍCIA POETA 9'55" A 10'03"	A FALA QUE VOCÊ VAI OUVIR A SEGUIR É DO JORNALISTA MANOEL SOARES, DISPONÍVEL NO PROGRAMA ENCONTRO COM PATRÍCIA POETA DA TV GLOBO, EXIBIDO NO DIA 25/10/2022. É MUITO COMUM ESTUDANTES QUE TÊM UMA CONDIÇÃO SOCIAL PRIVILEGIADA ACREDITAREM QUE NAQUELE CENÁRIO ELES PODEM IMPOR O SEU PODER.
LOC	

SON	A PALAVRA “AUTORITARISMO” VOLTA MUITAS VEZES NAS NARRATIVAS QUE ESCUTAMOS, ONDE A TRADIÇÃO É USADA COMO UM ESCUDO: “SEMPRE FOI ASSIM.”, “TODO MUNDO PASSA POR ISSO”. MAS A NORMALIZAÇÃO NÃO REDUZ O DANO. ELA SÓ O TORNA INVISÍVEL.
LOC	NÃO TEM COMO VOCÊ PASSAR PELO SISTEMA REPUBLICANO E SAIR DE LÁ DA MESMA MANEIRA. NÃO TEM. PORQUE VOCÊ VAI TER QUE INCORPORAR UM NOVO CONJUNTO DE REGRAS E NORMAS QUE VAI REDIRECIONAR SUA MANEIRA DE SER, DE EXISTIR, DE SENTIR, DE FALAR, DE VER O MUNDO. ISSO É TRAUMÁTICO. ISSO SE TORNA UM MARCO NA SUA VIDA. VAI SER VAI SER VOCÊ ANTES DO SISTEMA REPUBLICANO E VOCÊ DEPOIS DO SISTEMA REPUBLICANO. ISSO É EXTREMAMENTE SIGNIFICATIVO, MAS NÃO É SIGNIFICATIVO NECESSARIAMENTE PORQUE FOI BOM. É SIGNIFICATIVO PORQUE É UMA MUTAÇÃO.
SON	E O QUE FICA DEPOIS QUE VOCÊ SAI DE UMA REPÚBLICA? SÃO INSTITUIÇÕES QUE TE TRANSFORMAM, PARA O BEM E PARA O MAL. E COMO TODA INSTITUIÇÃO, ESSAS TAMBÉM DEVERIAM SOFRER UM QUESTIONAMENTO, SEREM REPENSADAS, REINVENTADAS. SE VOCÊ CHEGOU ATÉ AQUI, TALVEZ TENHA PERCEBIDO O QUE EU PERCEBI AO LONGO DE TODO ESTE PROJETO, QUE NENHUMA EXPERIÊNCIA É IGUAL, MAS UM PADRÃO SE REPETE: AS REPÚBLICAS PODEM SER ESPAÇOS DE PERTENCIMENTO, MAS TAMBÉM PODEM SER ESPAÇOS DE VIOLÊNCIA. E O QUE DEFINE ENTRE UM E OUTRO NÃO SÃO AS PAREDES, OS QUADRINHOS OU AS FESTAS. É A CULTURA. É A FORMA COMO SE NATURALIZA O QUE MACHUCA. É O SILÊNCIO QUE SE ESPERA DE QUEM SOFRE.

LOC	VOCÊ QUER PARTICIPAR DE UM ESPAÇO EM QUE VOCÊ É CONSIDERADO IGUAL. MESMO QUE VOCÊ TENHA QUE PASSAR POR TODO UM RITUAL, MAS DEPOIS VOCÊ PASSOU DO RITUAL, VOCÊ VAI SER UM IGUAL. ENTÃO O QUE A REPÚBLICA TE PROMETIA ERA: VOCÊ VAI SER UM IGUAL. VOCÊ VAI SER TRATADO COMO IGUAL. ENTÃO VOCÊ TOLERAVA AQUILO ALI EM NOME DESSA PROMESSA. ENTENDE? QUE É UMA COISA QUE VOCÊ NUNCA VAI TER NA FAMÍLIA. NA FAMÍLIA VOCÊ NUNCA VAI SER TRATADO COMO IGUAL. NA FAMÍLIA VOCÊ SEMPRE VAI SER TRATADO CONFORME O LUGAR DA HIERARQUIA QUE VOCÊ OCUPA. E O LUGAR DA HIERARQUIA QUE VOCÊ OCUPA DEPENDE DO GRAU DA SUA AUTONOMIA. FAMÍLIA É O LUGAR DOS DEPENDENTES. FAMÍLIA NÃO É O LUGAR DOS AUTÔNOMOS. A REPÚBLICA SE VENDE COMO LUGAR DOS AUTÔNOMOS.
ENCONTRO COM PATRÍCIA POETA 8'12" A 8'29"	O PRÓXIMO TRECHO TAMBÉM FOI VEICULADO NO PROGRAMA ENCONTRO COM PATRÍCIA POETA, DA TV GLOBO, EXIBIDO NO DIA 25/10/2022 E TRAZ O DEPOIMENTO DA MÃE DO ESTUDANTE AYRTON ALMEIDA. COMO ELE FALOU: "MÃE, EU ESTUDEI TANTO PARA ESTAR LÁ, EU QUERIA ESTAR ESTUDANDO, EU QUERIA ESTAR COMPLETANDO O MEU ENSINO. E AGORA EU TÔ AQUI DOENTE". HOJE, ELE TÁ INDO E FOI PARA O CARDIOLOGISTA. FOI UM IMPACTO TÃO GRANDE QUE O CORAÇÃO CRESCER.
LOC	NO FINAL DAS CONTAS, A GRANDE QUESTÃO NÃO É SOBRE REPÚBLICA NÃO SER PARA QUALQUER UM. É SOBRE POR QUE A GENTE AINDA ACHA QUE AGUENTAR É ALGO A SER EXIGIDO. E SE É PARA FALAR DE MEMÓRIA COLETIVA,

LOC	TALVEZ SEJA HORA DE CONSTRUIR UMA QUE NÃO COMECE NA DOR. ESSE TRABALHO É O FIM DO CICLO REPUBLICANO PARA MIM, MAS QUE ELE SIRVA TAMBÉM COMO ABERTURA. QUE ELE AJUDE A PENSAR. A SENTIR. A NOMEAR O QUE NÃO É FÁCIL DE NOMEAR. E QUE ELE FAÇA RESPIRAR QUEM ALGUM DIA, SE SENTIU SOZINHO LÁ DENTRO.
LOC	EU SOU MARIA JULIA MOURA, E ESTE FOI O “TODA TRADIÇÃO É VÁLIDA? UM PODCAST SOBRE AS TRADIÇÕES, MEMÓRIAS E MARCAS DEIXADAS PELAS REPÚBLICAS ESTUDANTIS PARTICULARES DE MARIANA EM SEUS EX-MORADORES”, A HISTÓRIA DO QUE ACONTECE QUANDO UMA PORTA DE REPÚBLICA SE ABRE, E, PRINCIPALMENTE, QUANDO ELA SE FECHA. ESTE PODCAST FOI PRODUZIDO, APRESENTADO E EDITADO POR MARIA JULIA MOURA, COM APOIO TÉCNICO DE THIAGO CALDEIRA, E FAZ PARTE DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO ORIENTADO POR HILA RODRIGUES, PARA A CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO BACHARELADO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse projeto é fruto de um trabalho muito singular para mim, tanto pessoalmente quanto profissionalmente. Ele me atravessou e provocou sentimentos que eu acreditava estarem superados. Espero que ele faça o mesmo com qualquer pessoa que tenha vivido experiências parecidas e se sinta representado ao ouvi-lo.

No final da minha primeira gravação, ainda para o episódio piloto, ouvi do Chumbinho que o que eu estava fazendo ali era jornalismo e não publicidade. Naquele momento virou uma chave, porque eu estava carregada de medo de ninguém ligar para o que eu tinha a falar, ninguém ouvir, não conseguir as fontes, medo de não ser capaz. Esse reconhecimento me lembrou, na prática, o que aprendi ao longo da formação, que jornalismo é olhar para as pessoas, para suas histórias e para o impacto que essas narrativas podem gerar, com empatia e compromisso.

Foram muitos os desafios enfrentados na construção desse podcast, principalmente na parte teórica, porque encontrei pouquíssimos estudos que dialogassem com o que eu queria discutir. Busquei então outras referências: alguns projetos anteriores de tcc sobre o assunto, matérias de jornais, autores que falassem das temáticas de pertencimento, tradição e afins. Foi necessário construir uma base a partir do que existia, articulando teoria e vivência pessoal para transformar essa pesquisa em um produto jornalístico legítimo.

Esse processo exigiu rigor, cuidado ético e sensibilidade, competências que desenvolvi durante o curso e que se tornaram fundamentais no fazer deste trabalho. Ao mesmo tempo, uma angústia muito grande tomou conta de mim em todas as etapas, principalmente pelo sentimento do que eu poderia ter sido, um constante “e se” que ronda quem chegou tão perto de ser “eterno” numa tradição. Ser uma fonte viva do tema foi essencial para entender o que não foi falado diretamente pelas fontes, compreender o sentimento que elas queriam passar, tudo que significa reviver momentos traumáticos e principalmente a necessidade de ter uma validação da sua dor, numa bolha que te exclui, te invisibiliza e te renega quando você não se encaixa ou abaixa a cabeça.

Aqui, percebi na prática o que aprendi em sala, que o jornalista precisa saber ouvir, interpretar e transformar experiências humanas em narrativas responsáveis. Esse trabalho é essencialmente jornalístico porque ele coloca o que mais importa no centro, as pessoas. Ele também confirmou algo importante sobre mim, que meu caminho está na prática, na comunicação que toca, que faz diferença, mesmo que para um único indivíduo. Encerrar este projeto representa o fechamento de dois ciclos para mim: o acadêmico, mas, principalmente, o republicano.

Depois de meses trabalhando nesse produto, eu percebi que precisava dele para me curar, organizar e tirar o que estava preso e mostrar para as pessoas que o que eu vivi não foi uma

experiência individual. “Toda tradição é válida?” é a pergunta que atravessa o podcast, ela é retórica, mas necessária. E a resposta, para mim, é clara: não, nem toda tradição é válida.

REFERÊNCIAS

ALVES, Danilo; YAMAMOTO, Oswaldo H. A influência social na psicologia social: entre a conformidade e a resistência. *Revista Psicologia e Sociedade*, v. 30, n. 2, p. 85-95, 2018.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 10. ed. Campinas: Papirus, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CORREIO BRAZILIENSE. Estudante fica em coma após trote em república de propriedade da UFOP. *Correio Braziliense*, Brasília, 7 out. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/10/5046189-estudante-fica-em-coma-apos-trote-em-republica-de-propriedade-da-ufop.html>. Acesso em: 10 nov. 2025.

COSTA, João F. Pertencimento e violência simbólica: as repúblicas estudantis como territórios de poder. *Revista Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, v. 10, n. 2, p. 122-139, 2019.

COSTA JUNIOR, M. T. da. A utilização da mídia podcast como prática inovadora na educação superior. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 12, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/11124/9961/150534>. Acesso em: 26 mar. 2025.

ENCONTRO COM PATRÍCIA POETA. *Encontro com Patrícia Poeta | Programa Completo (25/10/22)*. YouTube, 25 out. 2022. Vídeo (46 min 52 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=McJHgVUMFlc>. Acesso em: 05 jan. 2026.

ESTADO DE MINAS. Ex-calouros revelam bastidores do processo de admissão em repúblicas de Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 dez. 2012. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/12/16/interna_gerais,337290/ex-calouros-revelam-bastidores-do-processo-de-admissao-em-republicas-de-ouro-preto.shtml. Acesso em: 10 nov. 2025.

GIDDENS, Anthony. *Em defesa da Sociologia: ensaios, interpretações e réplicas*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

H4CKO. Estudante morre em festa de república em Ouro Preto (república Saudade da Mamãe). YouTube, 3 dez. 2012. Vídeo (1 min 38 s). Disponível em: <https://youtu.be/vzTnBv2Wze8>. Acesso em: 05 jan. 2026.

JORNAL DA RECORD. Estudantes desistem de morar em repúblicas de Ouro Preto (MG) por medo de trotes violentos. YouTube, 30 out. 2022. Vídeo (2 min 11 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aguRyf38Wio>. Acesso em: 10 nov. 2025.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalismo econômico*. São Paulo: Ática, 1991.

LAHIRE, Bernard. *O trabalho sociológico de Pierre Bourdieu: entre a teoria da reprodução e a teoria da transformação*. São Paulo: Autêntica, 2005.

LIMA, Thiago S. Memória social e conflito: os silêncios nas tradições universitárias. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 35, n. 102, p. 49-63, 2020.

MENEZES, Aline; FERREIRA, Giovana C. Violências simbólicas e exclusões em repúblicas estudantis. *Revista de Estudos Culturais Contemporâneos*, v. 11, n. 1, p. 77-94, 2023.

MENEZES, D.; FERREIRA, G. Memória coletiva e construção de identidades. *Cadernos de Antropologia*, v. 15, n. 3, p. 30-50, 2023.

MOSER, Giancarlo; FERREIRA, Giovana C. Memória coletiva e identidade nas repúblicas estudantis. *Cadernos de Antropologia da Educação*, v. 13, n. 1, p. 12-28, 2023.

O TEMPO. MPF quer fim da independência das repúblicas de Ouro Preto. *O Tempo*, Belo Horizonte, 16 maio 2013. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/mpf-quer-fim-da-independencia-das-republicas-de-ouro-preto-1.265106>. Acesso em: 10 nov. 2025.

OLIVEIRA, Marina C. Narrativas orais e escuta ativa em pesquisas sociais. *Revista Comunicação & Sociedade*, v. 45, n. 1, p. 113-130, 2023.

OLIVEIRA, R. Construção de narrativas e memória coletiva. *Revista de Antropologia e Sociologia*, v. 11, n. 2, p. 22-38, 2023.

PEIRANO, Mariza. *Antropologia no Brasil: alteridade e ritual*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2021.

REZENDE, Raiane. *As repúblicas estudantis de Ouro Preto e Mariana: influências da comunidade na existência de uma bolha social*. 2021. Disponível em: <http://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/3031>. Acesso em: 12 fev. 2025.

SANTOS, A. O papel da memória coletiva na sociedade contemporânea. *Revista de Estudos Sociais*, v. 15, n. 1, p. 23-35, 2023.

SANTOS, André L. Entre tradição e mudança: juventude e práticas culturais nas universidades. *Revista Sociologia & Antropologia*, v. 13, n. 2, p. 88-102, 2023.

SANTOS, André L. Memória coletiva, tradição e resistência simbólica. *Revista Estudos Antropológicos*, v. 28, n. 3, p. 33-47, 2023.

SANTOS, Vinicius. *As tradições nas Repúblicas Federais Estudantis*. Disponível em: https://monografias.ufop.br/bitstream/35400000/5696/1/MONOGRAFIA_Tradi%C3%A7%C3%B5esRep%C3%ABlicasFederais.pdf. Acesso em: 25 mar. 2025.

SILVA, Larissa. Hierarquia, tradição e violência simbólica nas repúblicas estudantis. *Revista Psicologia Política*, v. 22, n. 53, p. 99-115, 2022.

SILVA, T. Violência simbólica nas repúblicas estudantis. *Revista de Ciências Sociais*, v. 20, n. 4, p. 89-105, 2022.

TOP CULTURA. Batalha por vagas em repúblicas federais de Ouro Preto. YouTube, 29 jun. 2016. Vídeo (5 min 23 s). Disponível em: <https://youtu.be/DYZ1mPzjtRs>. Acesso em: 05 jan. 2026.

VIANA, Luana. *Jornalismo narrativo em podcasting: imersividade, dramaturgia e narrativa autoral*. 2022. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/14264>. Acesso em: 18 jun. 2025.